

Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número: **269**

Mês: Julho

Ano: 2021

Preço: R\$ 5,00



ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

Marco Maciel, a eternidade do exemplo

O JORNAL DE LETRAS se une às homenagens e ao luto pela morte do saudoso acadêmico Marco Maciel. Na madrugada do dia 12 de junho, o ex-vice-presidente da República pernambucano, que estava internado em um hospital particular do Distrito Federal, faleceu em decorrência de um "quadro infeccioso respiratório", como informaram os médicos. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

JL Editorial

Conhecer pessoalmente Marco Maciel foi um enorme prazer. Isso aconteceu quando ele exerceu, com a competência e a educação de sempre, o cargo de vice-presidente da República, prestando inestimável colaboração ao presidente Fernando Henrique Cardoso. Foi também Ministro de Estado da Educação. Entrou para a Academia Brasileira de Letras no lugar do jornalista Roberto Marinho, a quem homenageou com o seu jeito simples e convincente. O mundo literário e o político lamentaram o seu desaparecimento e, nessas homenagens, incluímos o carinho do JORNAL DE LETRAS. A presença de Marco Maciel será sempre lembrada com todo o respeito.

O editor.



Seguem as homenagens do **JL** aos aniversariantes do próximo mês de agosto: D. Cleonice Berardinelli (105 anos, no dia 28), Paulo Coelho (74, no dia 24/08) e Celso Lafer (80, no dia 07/08).

JL Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier

Editora-adjunta: Beth Almeida

Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).

Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

JL Opinião

Arnaldo Niskier



A guerra sem futuro

Lamentável a opinião do escritor angolano José Eduardo Agualusa, que confunde as coisas, tomando partido do Hamas, culpando o Estado de Israel pela beligerância. O cessar-fogo, mediado pelo Egito, encerrou 11 dias do mais recente combate, no qual mais de 250 pessoas foram mortas, a maioria delas em Gaza.

Tomando ares de profeta, Agualusa citou o dia 19 de julho de 2018, quando o Knesset aprovou Israel como uma “nação judaica” e o hebraico como única língua oficial, ele afirma que “nesse dia Israel começou a morrer”. Comentário odioso e ofensivo, com pouquíssima chance de se tornar realidade, até mesmo pela falta da necessária credibilidade do seu autor, que conviveu em silêncio com a longa ditadura de Salazar.

O conflito Israel/Palestina é uma questão complexa. Não pode ser explicado em poucas linhas. Não é razoável pintar os judeus como opressores ou colonialistas. As coisas não são assim tão simples. Podemos discordar de ações do governo israelense sem condenar um povo inteiro.

E nem o Hamas sozinho representa a Palestina. É uma sofrida minoria étnica. Devemos deixar claro que se deve garantir a existência de um país com o direito de professar uma religião.

Nos últimos desentendimentos, a partir de 10 de maio, em que morreram mais de 400 árabes, não houve o que muitos jornais proclamavam como uma guerra Israel versus Hamas. O Hamas não é um país regularmente constituído. É um grupo terrorista, infelizmente apoiado por grupos esquerdistas, embaralhando as coisas.

Devemos ser sinceros, proclamando dois direitos fundamentais: a existência, já consagrada, do Estado de Israel, e um futuro Estado da Palestina, desde que naturalmente os árabes se habituem com essa coexistência. Enquanto isso não for alcançado, por vias democráticas, estaremos sujeitos a surtos de violência, destruição e mortes, que infelizmente é o pior dos caminhos.

Nós, escritores, acreditamos que os livros são um território livre do pensamento. Mas o autor da *Teoria Geral do Esquecimento* não deveria esquecer jamais de que a literatura é um exercício permanente de colocar-se na pele do outro.

“Não há tempo sem espaço. Espaço é tempo medido em linhas tangíveis e concretas, espaço é tempo transformado em corpo.”

Antonio Olinto

“Se a memória simula esquecer os mortos, o amor, albergado no coração e sempre à espreita, a qualquer sinal açoita quem sobrevive às lembranças.”

Nélida Piñon

Samuel Rawet no seu labirinto

Por Danilo Gomes*

Há 37 anos morria em Brasília, dramaticamente, o escritor Samuel Rawet. Mais especificamente em Sobradinho. Solitário, de ataque cardíaco, aos 55 anos de idade.

Ele nasceu em 23 de julho de 1929, na aldeia de Klimontow, na Polônia, de pais judeus. Nome completo: Samuel Urys Rawet. Chegou ao Rio de Janeiro aos 7 anos de idade e foi morar com a família nos subúrbios (Ramos e depois Olaria), passando infância pobre. “Aprendeu português como poucos brasileiros”, escreveu Napoleão Valadares no seu *Dicionário de Escritores de Brasília*, já em 4ª edição. Formou-se em Engenharia. Integrou a equipe de Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Joaquim Cardozo (também poeta, e dos bons), Carlos Magalhães da Silveira (recentemente falecido em Brasília, aos 88 anos, ex-genro de Oscar Niemeyer). Trabalhando com o pernambucano Joaquim Cardozo, Samuel Rawet fez inúmeros cálculos para edifícios de Brasília. Assim, o engenheiro e já contista famoso ajudou a construir a nova capital do Brasil, saga comandada pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Foi contista, romancista, teatrólogo e ensaísta.

Em 1956, Rawet publicou seu livro de maior sucesso, *Contos do Imigrante*. Livro doloroso, angustiante, como foi e como seria a vida do autor, que rompeu com o judaísmo e a família. Há um clima de Dostoiévski e um travo de angústia de Kafka em seus contos e novelas. Aqui em Brasília, ele se tornou “O Solitário Caminhante do Planalto”, título de uma entrevista que fiz com ele para o “Suplemento Literário do Minas Gerais” (então dirigido pelo saudoso Wilson Castelo Branco) e que depois publiquei no meu livro *Escritores Brasileiros Ao Vivo*, Entrevistas, vol. 1, Ed. Comunicação/ INL, 1979. Essa entrevista de 1976 está mencionada na bibliografia sobre o escritor, no livro *Contos e Novelas Reunidos*, de Samuel Rawet, editado e prefaciado por André Seffrin, com “orelhas” de Flávio Moreira da Costa.

Tive a honra de escrever um longo prefácio para o volume *Dez Contos Escolhidos de Samuel Rawet*, da Editora Horizonte, de Brasília, por recomendação do crítico literário Almeida Fischer. Esse volume é de 1982. Em 1997, Ézio Flavio Bazzo publicou um livro sobre o autor polaco-brasileiro, *Rapsódia a Samuel Rawet*.

Samuel Rawet foi um escritor criativo, inovador, sensível, culto, eu diria mesmo genial, como o atestam os que se debruçaram sobre sua sofrida obra de “judeu errante”, sempre exilado, irrequieto. Flávio Moreira da Costa o incluiu na antologia *Os 100 Melhores Contos de Crime e Mistério da Literatura Universal* e Ronaldo Cagiano deu-lhe destaque na sua *Antologia do Conto Brasileiro*.



Conheci-o em Brasília quando aqui cheguei, em março de 1975, vindo de Belo Horizonte. Em 1976, meu filho mais velho, Rodrigo, tinha quatro anos de idade e frequentava o jardim de infância na SQS 303. Eu o levava à escola quando minha mulher não podia fazer isso. Ali, nas imediações, algumas vezes me encontrei com o escritor, naquelas claras manhãs, pois ele, de bermuda, passeava pelas quadras próximas, morador que era de uma delas, acho que a 105 Sul. Batíamos um rápido papo. Estava sempre alegre, risonho. E passava a mão, num gesto paternal, na cabeça do menino Rodrigo.

Eu encontrava Rawet também nas reuniões da Associação Nacional de Escritores – ANE, então sediada na 415 Sul. Ele era associado. Cordiais conversas. Entrava na roda da cerveja. Em geral, Rawet não demonstrava amargura, tristeza aguda, isolamento. Ele tinha momentos de alegria, confraternização, convivência. Mas nós o sabíamos um prisioneiro da melancolia e mesmo da revolta. Ele devia sentir-se, talvez,

um “poète maudit”, na sombria linha de Baudelaire, Mallarmé, Verlaine, Rimbaud. Gostava, sim, da solidão. No extinto caderno “Pensar”, do *Correio Braziliense*, de quase 20 anos atrás, li um ótimo ensaio que sobre o ficcionista escreveu Stefania Chiarelli, então doutoranda em Estudos de Literatura na PUC-Rio. Ela assim sintetizava a vida do famoso prosador: “errância, exílio, isolamento.”

Num almoço na casa da escritora Branca Bakaj e seu marido, o arquiteto Mário Bakaj, em 2004, o poeta Cassiano Nunes nos disse: “Samuel Rawet foi uma figura trágica, vangoghiana.” Os dois eram muito amigos. E já não pertencem a este mundo.

Ele buscou a solidão para morrer. Nos últimos anos de vida, apresentava sinais de distúrbios mentais, acentuados desequilíbrios de comportamento, mania de perseguição, procura de imaginários culpados para umas tantas mazelas. Entrou num mundo de paranoias. O “judeu errante”, o ser humano cheio de conflitos, o autor “maldito” e automarginalizado, rebelde, neurótico. Morreu em 25 de agosto de 1984. Foi encontrado depois de vários dias da ocorrência do óbito, em Sobradinho, DF.

De sua bibliografia, constam estes livros: *Contos do Imigrante; Diálogo; Abama; Os Sete Sonhos; O Terreno de uma Polegada Quadrada; Consciência e Valor; Viagens de Ahasverus à Terra Alheia; Devaneios de um Solitário Aprendiz de Ironia; Alienação e Realidade; Eu, Tu e Ele; Angústia e Conhecimento* e, ainda, *Que os Mortos Enterrem seus Mortos*.

Prefiro me lembrar dele nas nossas animadas conversas regadas a cerveja, na então sede da ANE. Prefiro me lembrar dele de bermuda, alegre sob o sol brasileiro, nas manhãs daquele ano de 1976, afagando a cabeça do meu filho, hoje com 49 anos. Carinho que ele talvez não tivesse tido quando menino na sua Polônia natal. E no Rio. O que talvez tenha ajudado a marcar sua dolorosa angústia pela vida afora...

Brasília, junho de 2021.

*Danilo Gomes é jornalista, escritor e membro da academia mineira de letras.

Pão de açúcar no Mar ao entardecer

Ester Abreu Vieira de Oliveira*

Beleza!
Águas golpeiam
a escura pedra
com frenéticos toques.

Verde e pedra,
Escuro e verde
Luz declinando
do amarelo sol.

Ouro e cinza
contornam a paisagem
sob o azul-ouro
brilhando sobre
a Terra curvilínea.

*Ester Abreu Vieira de Oliveira é professora Emérita da Ufes e presidente da Academia Espírito-santense de Letras.

● O ACADÊMICO Ignácio de Loyola Brandão foi o escolhido para receber, em novembro, a homenagem Personalidade Literária do 63º Prêmio Jabuti.

● EM COMEMORAÇÃO aos 70 anos de Ricardo Chacal, a Editora 34 lançou nova edição de *Tudo (e mais um pouco)*, que reúne as obras do poeta até 2016.

● VEM MAIS novidades por aí: Chacal, além de lançar *Brotou Capivara*, livro on-line com pequena tiragem impressa pela Editora Zazie, prepara *Alô poeta*, uma espécie de manual, onde dá dicas sobre o processo criativo.

● SAI EM AGOSTO pela Editora Objetiva, *De Porta em Porta*, escrito por Luciano Huck. Na primeira parte do livro, Huck usa as entrevistas que fez no ano passado com personalidades célebres, tais como Yuval-Noah Harari, Esther Duflo, Michael Sandel e Anne Applebaum, tentando explicar os movimentos do mundo nesta segunda década do século. Na outra metade da publicação, o apresentador compartilha memórias pessoais e relatos de encontros com brasileiros anônimos.

● OBRA-PRIMA DE Cervantes inspirou o novo romance do escritor britânico de origem indiana Salman Rushdie: *Quichotte* chegou ao Brasil pela Companhia das Letras, com tradução de Jorio Dauster.

● O CLÁSSICO DA literatura universal também ganhou outra adaptação para jovens leitores, feita por Luciana Sandroni: *As Aventuras de Dom Quixote e seu Fiel Escudeiro Sancho Pança* saiu pela Editora Escarlata, com ilustrações de Ana Matsusaki.

● O ESCRITOR Marcos Eduardo Neves celebrou 20 anos de carreira, com uma tarde de autógrafos de quatro obras da Editora Approach, na Livraria Argumento. Além do relançamento das biografias de *Helena de Freitas* e *Renato Gaúcho*, duas novidades: a publicação das histórias do engenheiro *Apolônio Bechara* e do ídolo botafoguense *Loco Abreu*.

● NA BIOGRAFIA *Guignard*, anjo mutilado (Companhia das Letras), Marcelo Bortolotti narra as aventuras daquele artista genial, nascido em Friburgo.

● A PRIMEIRA antologia de Amanda Gorman, poeta que encantou o mundo na posse de Joe Biden, sairá em setembro. *A Montanha que Escalamos* chega ao Brasil com o selo da Intrínseca.

● DUAS NOVAS biografias se debruçam sobre a vida e a obra da arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi (1914-1992): *O que Eu Queria Era Ter História* (Ed. Companhia das Letras), de Zeuler Lima, e *Lina: uma biografia* (Ed. Todavia), de Francesco Perrota-Bosh.

● NO LIVRO *E por Olhar Tudo, Nada Via* (Ed. Relicário), Margo Glantz, uma das mais influentes intelectuais mexicanas, questiona as novas mídias por não diferenciarem o importante do banal.

● FLERTANDO COM o terror, *Nossa Parte de Noite*, da aclamada argentina Mariana Enríquez, chega este mês ao Brasil, pela Editora Intrínseca.

● *KLARA E O SOL*, primeiro romance de Kazuo Ishiguro publicado após o autor ganhar o Nobel, volta a temas clássicos da ficção científica e da ética por trás da tecnologia, como uso da inteligência artificial.

● PROFESSORA DE Teoria Literária da USP, Viviana Bosi analisa a obra de poetas marginais da década de 1970 em *Poesia em Risco*, lançado pela Editora 34.

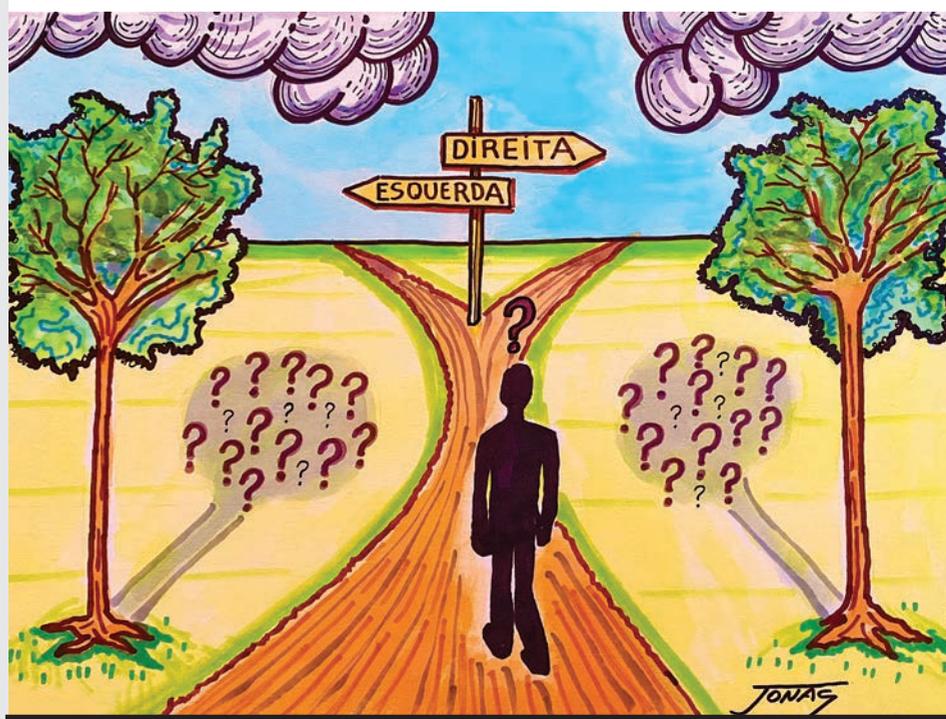
● JAQUELINE CANTORE e Marcelo Rubens Paiva lançaram *Séries – O Livro: de onde vieram e como são feitas*, pela Editora Objetiva.

● O ATOR Daniel Rocha, que em breve voltará a gravar a série *Os Esquecidos*, da HBO, prepara um projeto com 12 episódios sobre o amor, escrita em parceria com o dramaturgo Franz Keppler.

● ESCRITOS ENTRE 1951 e 1961, os textos reunidos na coletânea *Por uma Revolução Africana* (Ed. Zahar), de Frantz Fanon, marcam o desenvolvimento filosófico de um dos mais importantes pensadores da luta antirracista e anticolonial.

● NASCIDA NA Turquia e radicada nos EUA, Elif Batuman lança *O Idiota* (Companhia das Letras), finalista do prêmio Pulitzer de 2018.

CEM SOMBRAS DE DÚVIDA



● A SOCIOLOGA nigeriana Oyèrónké Oyewùmí chega ao Brasil com a obra *A Invenção das Mulheres*, traduzida por Wanderson do Nascimento para a Editora Bazar do Tempo.

● NO SEGUNDO semestre, a Editora paulistana Fósforo lançará a novela *Kentukis*, da disputada escritora argentina Samanta Schweblin.

● EM *Tramas de Meninos*, recém-lançado pela Editora Alfaguara, João Anzanello Carrascoza faz um novo mergulho nos 14 contos do livro.

● A REABERTURA oficial do Museu da Língua Portuguesa, na Estação da Luz, na capital paulista, está prevista para agosto. O projeto de restauração e readequação do espaço foi elaborado pelo governo de São Paulo, em parceria com a Fundação Roberto Marinho.

● O III COLÓQUIO Internacional – Diálogos Luso-Sefarditas acontece nos dias 15 e 16 de julho 2021, em Leiria, Portugal.

● A ATRIZ Laila Zaid lançou o livro *Manual para Super-Heróis, o Início da Revolução Sustentável* (Ed. Melhoramentos), onde ensina sustentabilidade para crianças em 12 “lições”.

● O ESCRITOR Carlos Rennó, junto à Companhia das Letras, prepara nova edição, revista e ampliada, de *Gilberto Gil – Todas as Letras* (1996). A obra será lançada em 2022, quando o compositor baiano completa 80 anos.

● LANÇADO PELA Editora Intrínseca, *A Lista de Convidados*, de Lucy Foley, com tradução de Maria Carmelita Dias.

● A EDITORA ROCCO trouxe para o Brasil *Presença de Antígona – o Poder Subversivo dos Mitos*, da especialista americana em estudos gregos Helen Morales. A obra faz um paralelo entre figuras femininas clássicas e mulheres como Malala, Greta Thunberg e Beyoncé.

● AUTOR DE *Deus Salve o Rei*, Daniel Adjafre lançou *A Mulher de Silicone*, pela Editora Jaguatirica.

● SAIU O NOVO livro do jornalista Edney Silvestre, pela Globo Livros: *Amores Improváveis*.

● A GLOBOPLAY vai fazer uma aposta em dramaturgia de fôlego, em 2022. Busca, para isso, uma obra com cerca de 50 capítulos, com um texto que se encaixe entre série e novela.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Compra mal feita

“Marcela foi à livraria e comprou um livro extra-escolar.”
Dessa forma, o livro não acrescentará nada.
Não se usa hífen quando prefixo termina com vogal diferente da vogal com que se inicia o segundo elemento.
Período correto: “Marcela foi à livraria e comprou um livro **extraescolar**.”



Suspensão

“O atraso constante dos trens implicou em multa diária, aplicada pela agência reguladora de transportes.”

A punição seria mais justa se o complemento do verbo **implicar** estivesse certo.

Este verbo no sentido de acarretar é **transitivo direto**, logo o seu complemento – objeto direto – **não admite preposição**.

Frase correta: “O atraso constante dos trens implicou **multa** diária, aplicada pela agência reguladora de transportes.”

Vestimenta inadequada

“Júlia ia para o velório da avó de mini-saia, mas sua mãe não deixou.”

Essa roupa não cai bem mesmo! Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por **r** ou **s**. Nesse caso, duplicam-se essas letras.

Período correto: “Júlia ia para o velório da avó de **minissaia**, mas sua mãe não deixou.”

Perfume floral

“Alessandra comprou um buquê de crisântemos muito perfumados.”

Perfeito! Além de perfumar o ambiente escreveu corretamente.

A palavra proparoxítona **crisântemo** também admite pronúncia como paroxítona: **crisântemo**.

Homônimos homófonos

“Cansei de **apressar** meus funcionários para **apreçar** os produtos”, disse Natanael

ao gerente de sua loja.

Cuidado com os **homônimos homófonos** (mesmo som, grafias diferentes).

Apressar: dar pressa, agilizar.

Apreçar: dar preço, dar valor.

Atrasados

“Os participantes da conferência vieram de Macapá em dois vôos, que atrasaram muito.”

Que pena esse atraso! Não se usa mais o acento circunflexo nas palavras terminadas em êem e ôos.

Período correto: “Os participantes da conferência vieram de Macapá em dois **voo**s, que atrasaram muito.”



Fixação no pensamento

“Por mais que tentasse por a vida para andar, sempre pensava nela”

Nem pode caminhar, desse modo.

Permanece o acento diferencial na forma pôr (preposição)

“**Por** mais que tentasse **pôr** a vida para andar, sempre pensava nela.”

Visitantes internacionais

“Um grupo luso britânico se reuniu para conhecer os pontos turísticos da cidade de Armação dos Búzios.”

São muito bem-vindos, mas é preciso grafar corretamente: **luso-britânico**. As palavras compostas nas quais o primeiro elemento é reduzido (luso) usa-se o hífen.

Período correto: “Um grupo **luso-britânico** se reuniu para conhecer os pontos turísticos da cidade de Armação dos Búzios.”

Bulliyng?

“O menino ficava muito triste quando os colegas da escola diziam que ele era um João ninguém.”

De fato, uma situação muito desagradável e ainda errada. Quando um nome próprio se torna um substantivo comum deve ser escrito com letra minúscula, como qualquer outro. Nesse caso, ainda há o hífen: um **joão-ninguém**.

Período correto: “O menino ficava muito triste quando os colegas da escola diziam que ele era um **joão-ninguém**.”

Erro

“Uma e outra aluna erraram o trabalho passado pelo professor.”

Se não fosse o problema do erro, estaria tudo certo.

A expressão **uma e outra** admite o verbo no plural, o que é mais usual, mas no singular também está certo.

Observe no singular: “Uma e outra aluna errou o trabalho passado pelo professor.”

É conversando que a gente se entende

Por Jorge Fernando dos Santos*

O isolamento adotado em função da pandemia de Covid-19 acelerou o processo de mudança de hábitos que teve início com o surgimento das redes sociais. Refiro-me à diminuição da conversa entre as pessoas. Em vez de pro-sar, a maioria prefere teclar ou gravar mensagens. No entanto, há quem diga que a comunicação virtual pode comprometer para sempre as relações humanas.

Antigamente, na impossibilidade de encontrar os amigos e familiares, passávamos horas falando ao telefone. Mesmo a distância, a conversa é direta e mais objetiva que a comunicação por meio de GIFs, fotos, gravações, lives ou textos curtos. A boa prosa evidencia a emoção, o tom e a intenção do discurso. Tanto que a psicanálise se dá pela fala do paciente. Nas redes sociais, ficamos mais sujeitos aos ruídos e ao desentendimento.

Isso talvez explique a carga de hostilidade presente no ambiente virtual, bem como a ruptura de velhas amizades por mera discordância de ideias e opiniões, sobretudo no âmbito político. A coisa piora quando se trata do debate aberto em grupos da internet, que expõem publicamente os participantes, gerando constrangimento e mal-estar. Como dizia o saudoso Chacrinha, “quem não se comunica se trumbica”.

Um bom diálogo, ainda que por telefone e sem os irritantes picotes e travamentos do Skype ou do WhatsApp, permite modulação e inflexões vocais, o que dá às palavras o sentido mais próximo daquilo que desejamos expressar. Deve ser por isso que os serviços de telemarketing insistem tanto em falar conosco à viva voz, em vez de apenas enviar mensagens frias pela internet.

A IMPORTÂNCIA DA FALA

Quem convive com adolescentes já deve ter notado que muitos preferem teclar em vez de telefonar ou conversar tête-à-tête. De certa forma, os apetrechos tecnológicos funcionam como trincheiras para a timidez e a dificuldade de argumentação. O curioso é que muitos adultos entraram na onda. O resultado disso é a diminuição no repertório de palavras, bem como o aumento da ansiedade e diminuição da empatia.

Fato é que a evolução humana está diretamente ligada ao progresso cognitivo proporcionado pelo dom da fala e pelo domínio de vocabulário. A argumentação oral é indispensável à nossa espécie, sendo o que de fato nos diferencia dos outros animais. Sem conversar, o homem certamente ainda estaria nas cavernas. A boa prosa é tão ou mais importante que a própria invenção da escrita.

Com o isolamento social, também aumentaram o trabalho home office, o ensino a distância e as terapias virtuais. O prolongamento desse estado de coisas poderá ter sérias consequências no futuro próximo, sobretudo para as novas gerações. Afinal de contas, boa parte das relações sociais é construída na escola e no ambiente profissional. O contato pessoal e o olho no olho também são fundamentais para o bom resultado terapêutico.

Somos seres gregários e tribais, carentes de afeto e atenção. Portanto, a socialização nos ajuda a amadurecer emocionalmente. Os bares vivem cheios não só porque vendem bebidas, mas por serem espaços democráticos de convivência. A internet tem sua utilidade, mas não podemos nos permitir ser isolados em bolhas virtuais que podem atrapalhar o desenvolvimento pessoal e coletivo. Nenhuma live, por melhor que seja, é capaz de substituir a emoção do encontro.

Sem dúvida, as novas ferramentas de comunicação não devem ser abandonadas ou banidas do nosso dia a dia, o que, aliás, seria impossível. Contudo, temos que aprender a lidar com elas sem abrir mão do bate-papo ao vivo, da empatia e das relações interpessoais. Até porque o objetivo da tecnologia é contribuir para a evolução e o bem-estar das pessoas, e não para a derrocada do ser humano enquanto espécie. Passada a pandemia, será urgente corrermos para o abraço.

*Jorge Fernando dos Santos é jornalista, escritor e compositor, tem 46 livros publicados. Entre eles, *Palmeira Seca* (Prêmio Guimarães Rosa, 1989), *Alguém Tem que Ficar no Gol* (finalista do Prêmio Jabuti, 2014) e *Vandré – O Homem que Disse Não* (finalista do Prêmio APCA, 2015).

**SANDRA NISKIER FLANZER**

Sandra e os tempos digitais

O principal objetivo da psicanalista Sandra Niskier Flanzer é a procura de mentes brilhantes.

Arnaldo Niskier: Hoje uma novidade para mim profundamente alegre. Trouxe minha filha, Dr^a Sandra Niskier Flanzer, para falar sobre tudo o que está se passando, principalmente no seio da juventude, em relação à pandemia. Ela é formada em psicanálise, doutora, tem o pós-doutorado, tem o mestrado em psicanálise e está lidando com esse assunto diariamente. Vou pedir a Sandra que diga o que a levou a esse tipo de trabalho.

Sandra Niskier Flanzer: O que me levou a esse trabalho foram meus 30 anos de experiência clínica como psicanalista, mas, sobretudo, um trabalho que venho realizando nos últimos dois anos numa ONG ligada a jovens aprendizes onde pude ouvir uma série de relatos, principalmente vindos dos professores e instrutores que trabalham com os jovens, de como para o jovem está muito difícil se concentrar, muito difícil realizar tarefas. São relatos cada vez maiores de casos de ansiedade, de depressão, de insônia chegando na clínica (acho que para todo mundo isso é visível) e no campo dos relacionamentos sociais. Essa foi a grande razão que me fez juntar toda essa experiência que já vinha colhendo também de escolas onde fazia alguns trabalhos tanto com os jovens quanto com os professores. Reuni algumas pesquisas atuais para fazer um livro, no qual pude tratar de todas essas questões ligadas à saúde mental.

Arnaldo Niskier: É esse livro que você lançou agora pela Editora Consultor e que teve o apoio do UNI-CIEE. A ONG a que você se refere é o CIEE Centro de Integração Empresa-Escola. Estou certo?

Sandra Niskier Flanzer: Exatamente. Lá pude ouvir relatos dramáticos de professores, de instrutores e de jovens que nos levam a achar que toda essa epidemia de hiperconectividade que nos assola (crianças, jovens e adultos) traz consequências psíquicas muito relevantes, seja para o campo do convívio social, seja para o campo particular da subjetividade de cada um.

Arnaldo Niskier: Você diz que nós chegamos até a sofrer de angústia, que é uma coisa séria. Isso se registra também no seu trabalho.

Sandra Niskier Flanzer: Certamente, a angústia como esse sinal de que alguma coisa não vai bem, uma criança reflete seu mal-estar de formas muito variadas e diferentes de um adulto. Então existe também essa notícia de angústia entre crianças, entre adolescentes e entre adultos. O que procuro fazer no livro é um paralelo ou levantar algumas reflexões sobre a ligação dessa angústia ao excesso de uso de dispositivos digitais.

Arnaldo Niskier: De onde surgiu seu interesse pela psicanálise?

Sandra Niskier Flanzer: Me interessei pela psicanálise quando tinha 14 anos, tive um sonho e fiquei muito curiosa para saber o que o sonho queria dizer. Perguntei para meu pai o que o sonho queria dizer (ele talvez não se lembre disso) e me deu uma Enciclopédia Barsa, um verbete da letra F (Freud) para ler. Foi aí que a psicanálise começou na minha vida. Achei muito

interessante esse estudioso de Viena, judeu, no final do século XIX, dizer que os sonhos são realizações de desejo e que os sonhos possuem um significado disfarçado do nosso desejo. Então, a partir daí, não voltei mais atrás. Tive certeza de que a psicanálise era o que queria.

Arnaldo Niskier: E você acha que os dados com que conta a psicanálise são atuais?

Sandra Niskier Flanzer: Sem dúvida. Eles são uma prática crítica, embora Freud tenha se dedicado a muitos artigos, digamos assim, sociológicos, porque não são “antropológicos” também, que dão conta do que é nossa dinâmica no social, a psicanálise é uma prática clínica e como prática já existe há mais de um século, um século e 20 anos efetivamente. Se puder fazer um paralelo com o tema aqui do nosso debate, diria o seguinte: a psicanálise é essa prática que lida com a efervescência do inconsciente, aquele pontinho do sujeito onde ele é comandado por alguma coisa e não está no poder e no comando. Esse inconsciente que aparece de várias formas está sendo negligenciado, cada vez mais, pelo excesso de uso dos dispositivos tecnológicos. A tecnologia é muito positiva para nossa cultura. Salvou a humanidade em tempos de pandemia, permitiu que conseguíssemos continuar nosso contato social com o outro, continuar nosso ensino remotamente. Ela traz uma série de benefícios inenunciáveis e irrevogáveis, mas a tecnologia traz também um certo apagamento da dimensão inconsciente na medida em que todos nós ficamos um pouco pasteurizados, levados por esses algoritmos com pouco espaço para nossa singularidade, com pouco espaço para nossa voz e para as manifestações inconscientes que são sempre particulares e singulares. Então, a meu ver, esse é o alerta que o excesso de uso de dispositivos tecnológicos obrigatoriamente hoje nos faz ver.

Arnaldo Niskier: O livro *Jovens em tempos digitais* editado pelo CIEE de São Paulo está fazendo uma carreira muito bonita. Quería que você sintetizasse o conteúdo desta obra. É importante para nós.

Sandra Niskier Flanzer: Muito obrigada pela oportunidade de poder fazer isso. Com muito prazer que fiz esse livro como resultado de muito tempo de escuta sobre as questões subjetivas que a contemporaneidade tem trazido para o profissional de saúde mental. Questões como um aumento muito grande de casos de ansiedade, de formas diferentes de ansiedade, um aumento muito preocupante de casos de depressão, ideias de automutilação, ideias suicidas. Estamos percebendo, de modo geral na saúde mental, um acréscimo, de cinco, dez anos para cá, de todos esses casos. Há muitos relatos particulares, mas que sabemos que são amplos de distúrbios de alimentação, dificuldades de sono etc.

Arnaldo Niskier: E qual seria o conselho principal que você daria aos professores dentro desse quadro?

Sandra Niskier Flanzer: São muitos os problemas e desafios observados pelos professores atualmente, como fazer um conteúdo ser interessante no contato

físico do dia a dia que vai, em breve, ser retomado. Meu conselho para essas questões, que já são pululantes há muito tempo, de alguns anos para cá mais ainda, é que os professores não desistam de fazer passar, de fazer transmitir o que eles têm a transmitir de um profissional da educação para um sujeito, que eles apostem que ali há um sujeito, que eles apostem que ali não há mais um número, mais um seguidor. E que a educação possa sair desse registro, que já estamos tão contaminados na tecnologia e por conta da predominância disso, que é o registro humano, apostar que ali tem gente, que você está falando para alguém que escuta e que talvez você troque palavras e faça um ato falho e erre e ele também possa ouvir diferente daquilo que você disse, mas que por isso haja trabalho, por isso haja transmissão. A aposta de que ali é um lugar onde o conteúdo é passado de uma pessoa para outra e tem gente é o principal que posso sugerir para um professor e para um profissional da educação agora.

Arnaldo Niskier: Vamos esperar que essas coisas todas aconteçam. Acho que, daqui a pouco, a pandemia vai acabar, porque ela não é eterna, sabemos disso, já fez o sofrimento do nosso povo por muito tempo. Acho que as notícias que vem dos especialistas são boas, de que estamos no caminho da supressão desse mal e vamos voltar à normalidade, que é o que mais desejamos. Como se adquire esse livro?

Sandra Niskier Flanzer: O livro já está disponível em formato Kindle na Amazon, por falar em dispositivos eletrônicos. Para quem pode aproveitar isso, é fácil a aquisição. Caso não, existe uma livraria dentro da UFRJ, chamada Universo Psi, que entrega para o Brasil todo. Encomendas através da Universo Psi são muito simples, é só procurar na internet, no Instagram e é fácil achar, é só pedir que eles entregam.

Arnaldo Niskier: As duas coisas: inclusão e exclusão.

Sandra Niskier Flanzer: Por um lado, o sujeito está cada vez mais dentro dele mesmo, fechado nele mesmo, quase numa bolha narcísica onde ali tem tudo, não precisa de nada. É um objeto que serve ao sujeito de maneira total, como os objetos de adicção, só que com um agravante: você não tem a separação como você tem com todos os outros objetos de adicção, uma mínima separação. O celular não se separa do corpo mais.

Arnaldo Niskier: Na psicanálise, fala-se muito de Freud, fala-se muito também em Lacan. Quem mais você citaria entre seus autores preferidos na psicanálise?

Sandra Niskier Flanzer: Esses dois são a base da psicanálise que me formou aqui no Rio de Janeiro de 30 anos para cá, mas existem autores contemporâneos interessantíssimos. Existe um autor chamado Charles Melman, que tem um livro intitulado *O Homem sem Gravidade* (ele escreveu isso há 20 e poucos anos, na virada do século), um livro que contempla todas essas questões que hoje estou podendo abordar no meu livro. Elas já estavam anunciadas ali pelo Melman, psicanalista francês, desde a virada do século. Poderia citar ele também como referência para mim, mas cito vários autores contemporâneos que são muito acessíveis e estão aí escrevendo sobre isso, falando também sobre isso, se utilizando das próprias redes sociais...

Arnaldo Niskier: É uma ciência em plena evolução. Não é coisa do passado.

Sandra Niskier Flanzer: A psicanálise nem luta para ser uma ciência. Ela é uma prática clínica, que certamente não é coisa do passado. Vemos cada vez mais a emergência de casos, muito evidentemente, da psicanálise, que a psicanálise tem que se ocupar. Falamos aqui da angústia, falamos da ansiedade, a hiperatividade que foi tomada pela psiquiatria, criou-se um remédio junto com esse diagnóstico e vamos percebendo a medicalização excessiva das crianças, um embotamento das crianças em vez de dizer o que sentem, em vez de buscar seu lugar ao mundo e acalmar essa falta de lugar. Nada mais é do que isso a hiperatividade, algo da psicanálise e não da psiquiatria ou da ciência.

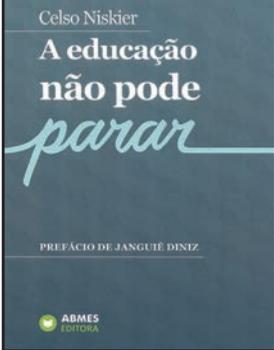
J Livros e Autores

por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



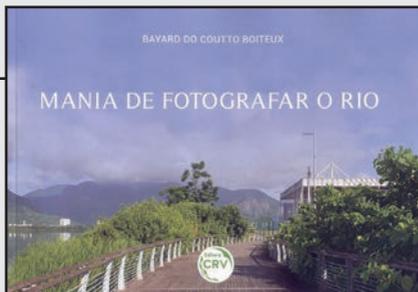
A EDUCAÇÃO NÃO PODE PARAR



Em *A Educação Não Pode Parar* (ABMES Editora, 2021), Celso Niskier faz uma síntese dos desafios, conquistas e pautas que marcaram a educação superior brasileira, nos últimos anos. A coletânea, com 286 páginas, organizada em cinco grandes temas, reúne cem artigos publicados pelo reitor da UniCarioca no blog da Associação Brasileira de Mantenedores do Ensino Superior (ABMES), entre abril de 2015 e março de 2021. Com linguagem acessível, narrativa agradável e conteúdo profundo, os textos navegam desde suas memórias e inspirações para a criação da então Faculdade Carioca de Informática até os aprendizados pessoais, institucionais e acadêmicos, obtidos com experiências presenciais e virtuais,

passando por diversos cenários, que incluem as imponentes muralhas da China. No prefácio, o presidente do grupo Ser Educacional, Janguê Diniz, ressalta as qualidades e a referência de empreendedor educacional inspiradoras do professor Celso: “Além de um grande amigo, ele é para mim inspiração e referência de empreendedor educacional. Quando o ‘DNA educador que herdou do pai, Arnaldo Niskier, falou mais algo, fundou a então Faculdade Carioca de Informática, hoje UniCarioca, da qual é reitor.” Fundador e reitor do Centro Universitário UniCarioca, membro da Academia Internacional de Educação, entre outras intuições, Celso Niskier é doutor em Informática, com especialização em Ciência da Computação Gráfica na Imperial College de Londres.

MANIA DE FOTOGRAFAR O RIO



No belo livro *Mania de Fotografar o Rio* (Ed. CRV, 2021), Bayard Do Coutto Boiteux expõe sua visão sensível e particular de retratar o Estado do Rio de Janeiro.

Com suas singularidades e belezas naturais, os registros sob as lentes do fotógrafo, professor renomado, captam todo o amor que ele próprio nutre pelo conjunto de belezas naturais e culturais que compõem a oferta turística fluminense: “As comunidades trazem uma beleza contraditória da desigualdade. Caminho e encontro, sofrimento e alegria no rosto dos que nos acolhem”, explica o autor.

A publicação divide-se em 9 capítulos, que registram desde fotos da capital do Estado, passando pelo Vale do Café, Ilha Grande, Niterói, Petrópolis e outros municípios, como Paty do Alferes, Rio Claro e Mangaratiba.

No prefácio, a vice-presidente de relações públicas da Associação de Embaixadores de Turismo do RJ, Viviane Fernandes, cita frases do mestre Bayard: “A vida tem cores diferentes, sentidos distintos, saudades eternas e buscas constantes. Caminho cheio de descobertas e verdades não absolutas e passageiras. É preciso simplesmente deixá-la passar e embarcar no mundo da felicidade.”

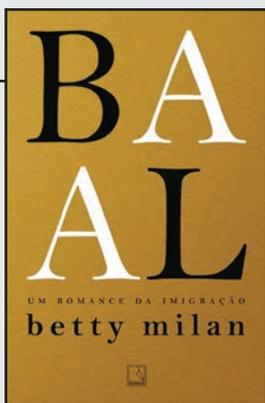
Bayard Do Coutto Boiteux é professor universitário, escritor, pesquisador e funcionário público. Trabalha voluntariamente no Instituto Preservale e na Associação dos Embaixadores de Turismo do RJ. É autor de 47 livros.

Baal

Baal (Ed. Record, 2019) é o vigésimo sexto livro da escritora e psicanalista Betty Milan. O patriarca e personagem principal desse romance narra um drama ambientado no século XIX, mas atual: o da imigração.

A obra se inscreve na tradição dos livros escritos por descendentes de imigrantes (a autora é de origem libanesa) e, por ter um narrador defunto, na tradição de Machado de Assis, autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Betty Milan é paulista. Autora de romances, ensaios, crônicas e peças de teatro. Colaborou com os principais jornais brasileiros e foi colunista da Folha de S. Paulo, Veja e Veja.com. Trabalhou para o Parlamento Internacional dos Escritores, sediado em Estrasburgo. Em 1998 e 2015, participou como convidada de honra do Salão do Livro de Paris. Em 2014, representou a literatura brasileira contemporânea na Feira Internacional do Livro de Miami (EUA). Em 2019, participou da Lebanese Diáspora Energy em Beirute, onde foi homenageada por sua contribuição ao país natal dos ancestrais. É diplomada pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) e teve formação em Psicanálise na França, orientada por Jacques Lacan, de quem foi assistente no Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII.

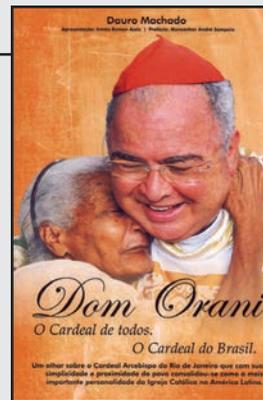


DOM ORANI

Na obra *Dom Orani – O Cardeal de Todos. O Cardeal do Brasil* (Ed. Promídia, 2020), o jornalista mineiro

Dauro Machado lança um olhar sobre o Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, uma das mais importantes personalidades da Igreja Católica na América Latina. Na apresentação, Ramon Assis da Silva chama a atenção para a dignidade e humildade do monge da Ordem dos Cistercienses: “D. Orani, assim que criado Cardeal pelo Papa Francisco, não só observou a carta do Santo Padre, direcionada aos novos cardeais, que diz ‘O cardinalato não significa uma promoção, uma honra ou uma condecoração; é simplesmente um serviço e exige que se alargue o coração.’”

No prefácio, assinado pelo monsenhor comendador André Sampaio de Oliveira, a simplicidade do cardeal da Santa Romana Igreja também é destacada: “Acessível a todos que o procuram ou que o interpelam, sobe e desce por comunidades, de maneira incansável, no tempo ordinário das coisas litúrgicas, como na Quaresma, na Semana Santa, no Tempo Pascal, no Advento, no Tempo de Natal. E, sempre como Cristo, um arauto da simplicidade empunhando a sua cruz peitoral que lhe foi presenteada pelo Papa Bento XVI, que o nomeou Arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro, por toda a cidade.”



A DAMA

A Lugar-Tenente da Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém, Comendadora com placa Isis Terezinha da Cunha Penido, teve a sua trajetória à frente da milenar ordem religiosa registrada no livro *A Dama* (Ed. Promídia, 2020), do jornalista mineiro Dauro Machado.

Com uma narrativa abrangente, resumindo o vasto trabalho dessa mineira radicada no Rio de Janeiro, ao longo de 16 capítulos, a obra nos oferece um panorama da intensa atividade de Isis Penido, reconhecida como uma das mais atuantes católicas na Arquidiocese do Estado, ao longo de sua trajetória de quase três décadas na OESSJ, instituição tutelada pela Santa Sé.

No prefácio, o jornalista Aristóteles Drummond, Comendador da Ordem, elogia a dedicação da Lugar-Tenente: “Ao descrever Isis Terezinha Penido, é preciso logo situar sua vida como a de alguém que foi abençoada com o dom da fé e do compromisso.” No prólogo, a jornalista e Dama da Ordem Manoela Ferrari endossa a trajetória da biografada: “Semeando gestos e atitudes de amor, Isis Penido transformou o transitório em marcas permanentes que definem a vida exemplar de pessoas que acolhem, com verdade, docilidade e humildade, ao chamado do serviço de Deus.”

Uma das maiores personalidades da comunicação em Minas Gerais, o jornalista Dauro Machado é mineiro de Além Paraíba, bacharel em Direito e Cavaleiro da OESSJ desde 2017.

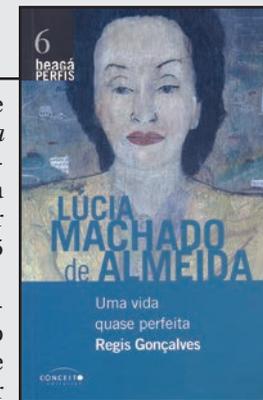


UMA VIDA QUASE PERFEITA

A coleção Beagá Perfis chegou ao sexto título, fiel à qualidade desde o início. Na obra *Lúcia Machado de Almeida: uma vida quase perfeita* (conceito editorial, 2020), Régis Gonçalves recupera informações preciosas sobre os noventa e cinco anos da existência da protagonista. Com sua prosa sofisticada, o autor expõe o legado da notável escritora mineira, ao longo de 235 páginas.

Discorrendo sobre a vida e sobre os inúmeros trabalhos literários, o livro inicia com uma “advertência metodológica” do autor: “o exercício da mais sincera empatia foi a maneira que encontrei para colocar reticências onde a morte parece haver depositado um ponto final. A vida é um desenrolar trôpego e inesperado que, em certo momento, se interrompe. Esta é uma tentativa de dar-lhe continuidade, reconquistando o que dela foi depositado como memória.”

Régis Gonçalves é jornalista, poeta, ficcionista e biógrafo mineiro, nascido em santa bárbara, em 1940. Estudou sociologia na universidade federal de minas gerais. É autor, entre outras publicações, de *Queima de Arquivo*; *Opus Circus*; *Trama Tato Texto*; *O Arquiteto da Cena*; e *Retratos Erráticos*.



Vasco da glória

Por Francisco Aurélio Ribeiro*

Mentira muitas vezes repetida se torna verdade. Para desmentir, depois de muito tempo, dá um trabalho... Frei Vicente do Salvador, em sua *História do Brasil*, de 1600 e pouco, afirmou que Vasco Fernandes Coutinho morreu pobre e abandonado e que não tinha um lençol para se cobrir. Nem precisava com o calorão que faz em Vila Velha! E se dormisse em rede, como os índios com quem conviveu?! No entanto, outros historiadores repetiram o primeiro e assim se construiu a pecha de “derrotado” para o fundador do Espírito Santo. Mas, como, se Vasco Coutinho iniciou aqui a construção de uma extensão do império português, no que chamou de Espírito Santo, que manteve o nome dado por ele e que esteve em poder de seus herdeiros por 140 anos?!

Vasco Coutinho é mais uma das figuras injustiçadas da historiografia oficial, com a parcialidade do lugar em que se situa o historiador. Felizmente, existe a Literatura, irmã e rival da História, que recria a realidade, sem assumir verdade escrita alguma, pois se propõe como ficção, invenção. A Literatura busca, apenas, um outro olhar sobre a realidade. O personagem histórico Vasco Fernandes Coutinho (1488?-1561) já nos rendeu quatro obras ficcionais: *Vilão Farto*, de Renato Pacheco; *O Capitão do Fim*, de Luiz Guilherme Santos Neves; *Vasco Fernandes Coutinho* (Col. Grandes Nomes do ES), de Alvarito Mendes Filho e, agora, *Vasco, Memórias de um Precursor da Globalização*, de Cláudio A. Lachini. Cada um deles traz ao leitor aspectos diversos desse controvertido ser humano. Literariamente, destaca-se o de Luiz Guilherme, pelo trabalho com a linguagem, a ironia, o dialogismo intertextual com a história, a literatura, o folclore, o teatro; referencialmente, o de Cláudio Lachini é mais rico, pois traz informações inéditas sobre a vida de Vasco Coutinho, o V de



sua família de nobres portugueses com o mesmo nome, antes de vir para o Espírito Santo. Apoiando-se em fontes documentais, Lachini constrói um romance memorialista, em “flashback”, mesmo recurso utilizado por Luiz Guilherme. A diferença é que neste a memória do narrador recua ao tempo de sua chegada à sua Capitania, em 1535, enquanto naquele a lembrança dos fatos reconstrói a história da navegação portuguesa, a partir de 1488, provável data do nascimento de Vasco, em que seu pai, irmãos, tios e primos também atuaram.

Vasco Coutinho não foi um “infeliz donatário”. Escolheu o Espírito Santo para viver seus últimos dias, como também o fizeram frei Pedro Palácios e padre Anchieta. Os três vieram em busca de um sonho, tiveram uma vida bem mais longa do que seus contemporâneos e alcançaram seus objetivos, de certa maneira. No Espírito Santo, a “terra sem males” dos guaranis, encontraram o lugar para descanso de seus ossos, pois “...um bom lugar para se viver é também um abrigo para se morrer”. Que a leitura dessas obras deem ao leitor de nossos dias o imaginário para reconstruir esse tempo passado e essa figura fundadora de nossa civilização, que ousou atravessar os mares dantes nunca navegados, buscando um novo mundo, pois “quem não sonha não conquista”.

*Francisco Aurélio Ribeiro é membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e da Academia Espírito-santense de Letras, da qual foi presidente em três mandatos.

As memórias de João Almino: um romance sobre a liberdade e a felicidade

Por Diego Mendes Sousa*

Há tempos venho acompanhando a ascendência romanesca do universo artístico de João Almino (1950-). É espantosa a sua criatividade, tecida com a estilística e a estética de um clássico.

Não à toa, o romancista gaúcho Moacyr Scliar dissera que João Almino está “entre os melhores autores de nosso país. O Brasil está resumido em suas páginas, que são verdadeiramente antológicas”.

Até o presente ano apocalíptico de 2021, a sua trajetória literária já agrupa sete romances (número cabalístico), sendo o seu livro de estreia: *Ideias para Onde Passar o Fim do Mundo* (Editora Brasiliense, 1987, e em segunda edição pela Record, de 2002), um dos aicebergues da sua produção.

Esta obra, apesar de publicada 34 anos atrás, é de uma atualidade impressionante.

Aparenta-me ter sido escrita nas sombras das incertezas de 2020, não apenas pelo agudo título utópico, mas também pela ampla temática realista, que abarca racismo, feminismo, sexualidade, machismo, mudanças climáticas e naturais, revoluções, guerras, conflitos entre a ciência e a política, democracia, que são tônicas do hodierno e caras à nossa existência em sociedade.

João Almino criou uma peça definitiva, em que o misticismo, a inteligência e a loucura formam os liames para a aventura humana, alicerçados também na distopia, nos desencontros das personagens, que estruturam a sua narrativa fecunda e diáfana.

Brasília, a menina dos olhos de João Almino, passou a ser o cenário mágico das suas reflexões.

De maneira perspicaz, esse nordestino norte rio-grandense de Mossoró trouxe para si a reinvenção de uma cidade inaugural: “Brasília entrara há muitos anos na história querendo lançar o país no futuro.”

Na realidade, Brasília ingressou total e ferozmente nas histórias de João Almino e o alçou a um alto plano meritório de ser o definitivo narrador da capital do Brasil, “berço esplêndido da nova humanidade”, como atestam as fortes iluminações neste exemplar *Ideias para Onde Passar o Fim do Mundo* e em outros registros da sua lavra, como *Samba-enredo* (1994), *As Cinco Estações do Amor* (2001), *O Livro das Emoções* (2008), *Cidade-livre* (2010), *Enigmas da Primavera* (2015) e *Entre Facas, Algodão* (2017).

Ideias para Onde Passar o Fim do Mundo possui uma ficção instigante e intrigante. É uma estória múltipla, onde há capítulos inesperados, revestidos de epifania e de erotismo.

A presença de um narrador fantasma parece nublar o tempo. Inesperadamente, Brasília é Paris ou Paris é Brasília. As ruas do Planalto Central se confundem com os bulevares parisienses. E a atmosfera brasiliense é um presságio para a fuga.

O excelentíssimo senhor presidente do Brasil é negro e se chama Paulo Antônio Fernandes, “filho adotivo de um general e primeiro negro da história do país a ser presidente”.

Paulo Antônio Fernandes não é a personagem mais importante, como tudo levará a crer. O principal elemento do romance é uma fotografia e o desenredo subsequente, que passa a ser também fruto da imaginação do leitor.

Tudo se assemelha ao desconexo, como relâmpagos assustadores e barulhentos. As histórias são paralelas. O fantasma é um perdido fabulador e escreve um roteiro cinematográfico.

A mulher do fantasma, de repente, é a romancista que reescreve as histórias criadas. Tudo está estagnado, como sonhos em frangalhos, palavras enganosas e desejos irrealizados: “o essencial, o fundamental, o mágico a gente alcança sem querer.”

Em uma linguagem poética e lúcida, alinhada a uma riqueza verbal deslumbrante e lírica, João Almino nos oferta um verdadeiro ensaio filosófico e sociológico sobre a liberdade e a felicidade.

Berenice, Tõezinho, Zé Maria, Eva, Tita (Joana), Cadu, Íris, Madalena, Silvinha, Mário são símbolos e signos, mitografias de uma época de ilusões. São seres inesquecíveis, paralisantes, contemplativos e insondáveis.

Conhecedor da tradição e reformulador da técnica, João Almino é um mestre na arte de transfigurar as estações e de projetar as memórias do futuro.

Ideias para Onde Passar o Fim do Mundo é uma música repartida, estonteante, um réquiem, um testemunho.

*Diego Mendes Sousa é poeta piauiense.

Reflexões sobre a arte da escrita

Por William Soares dos Santos*

A LITERATURA CONTRA O FASCISMO NA OBRA E NA VIDA DE ADA GOBETTI

Ada Prospero Gobetti (1902-1968) foi uma escritora, intelectual, educadora e política italiana, da cidade de Torino, que viveu os conflitos e as dificuldades das duas Grandes Guerras Mundiais, sendo que se envolveu diretamente no segundo conflito. Ela deixou uma obra de grande densidade intelectual na qual figuram livros didáticos e sobre educação, análise literária, livros infantojuvenis (é muito famoso o seu *Storia del Gallo Sebastiano*), dentre outros. Além disso, ela contribuiu desde muito jovem, até o fim de sua vida, com textos em diferentes revistas. O seu livro *Diario Partigiano*, de 1956, constitui uma obra fundamental até hoje para a melhor compreensão do movimento de resistência italiana. A obra traz uma expressão autoral única em que a autora aborda, com o olhar da mulher de seu tempo e de quem viveu os fatos narrados, as questões do cotidiano da luta contra o fascismo, sem deixar de lado profundas reflexões sobre o sentido da existência.

Não menos importante é a correspondência publicada entre ela e o seu marido Piero Gobetti (1901-1926), intitulada *Nella tua Breve Esistenza. Lettere 1918-1926*. Na obra, vemos descortinar não apenas a história de amor entre os dois, mas o amadurecimento intelectual e humano de uma mulher que, já no início do século XX, aborda questões como a liberdade feminina e o antipatriarcalismo, por exemplo. Nas suas cartas, vemos também o seu amadurecimento intelectual enquanto estuda línguas, filosofia e lê com profundidade os clássicos e os seus contemporâneos. Ada consegue obter a graduação de Filosofia em 1925, dedicando-se, em seguida, aos estudos de literatura e de educação.

Logo Piero e Ada começam a trabalhar em vários periódicos antifascistas. Tendo ele mesmo fundado a revista de literatura *Il Baretto* (1924-1928), que teve colaboradores escritores e intelectuais com a espessura de Eugenio Montale (1896-1981) e Natalino Sapegno (1901-1990), dentre outros. Mas, devido ao seu caráter progressista, não demorou muito para que o periódico fosse perseguido pelo regime fascista.

É nesse contexto de perseguições fomentadas pelo fascismo, caracterizado pela falta de liberdade civil, social, intelectual e política, que Ada sofrerá um luto terrível que carregará consigo durante toda a vida. Em 1926, o seu marido é espancado, em frente a sua editora, por defensores de Mussolini (os chamados *squadristas*), que nada mais eram do que populares apoiadores do regime que se uniam para perseguir, espancar e até matar os opositores do fascismo e de seu líder. Ela e o seu marido, que também era o seu amor desde a tenra juventude, fogem para a França com o filho, que tinha, então, apenas algumas semanas de vida. No entanto, Piero não consegue sobreviver às consequências do ataque e falece poucos dias depois em Paris.

Depois da morte de seu marido, Ada retorna para a Itália e começa a trabalhar na linha de frente do movimento de resistência italiana (ou movimento partigiano, como também é conhecido), que lutava clandestinamente contra o regime fascista. Pouco a pouco, ela participa da luta armada, assume postos de comando, administrativos e organizativos dentro da resistência militar e política contra o fascismo. Ao lado de seu filho Paolo Gobetti e de outros companheiros, participa de guerrilhas contra os fascistas na região do Val di Susa, experiência que marcará profundamente a sua vida. Depois da guerra, ela, inclusive, terá o seu trabalho reconhecido pela república italiana, tendo sido, inclusive, agraciada com a Medalha de Prata de mérito militar e uma patente condecorante com a sua atuação durante o conflito.



Piero e Ada Gobetti na juventude (fonte: Centro Gobetti).

No centro do projeto de existência de Ada Gobetti, estava a educação em seu sentido amplo e universal. Logo depois da Segunda Guerra Mundial, ela foi empossada como vice-prefeita do município de Torino e promoveu várias ações educativas, dentre elas o Conselho de mulheres italianas, a fim de lutar em favor da emancipação da mulher. Sempre se envolveu com questões relativas à educação de crianças e de adolescentes em várias ocasiões e em diferentes lugares da Itália. Ela considerava que todos nós somos educadores e educandos, que ser professor era algo para além de

um título ou de uma profissão e que todos os seres humanos vivem quotidianamente em processos educativos. Isso não quer dizer que esse processo seja fácil, livre de obstáculos, ou que se deva tratá-lo de forma amadorística. Por isso, um de seus empreendimentos mais conhecidos foi a fundação de um jornal para pais e mães (*Il Giornale dei genitori*), em que abordava, dentre outros elementos da educação, os desafios de se educar e de educar os filhos dentro das sociedades democráticas. Além disso, ela foi fundadora da igualmente importante revista *Educazione Democratica*.

Gostaria de terminar esse breve aceno à arte da escrita de Ada Gobetti chamando atenção, mais uma vez, para a importância e grandiosidade do texto de seu livro *Diario Partigiano*. Embora escrito durante a luta partigiana, o livro foi publicado pela primeira vez em 1956. Trata-se de uma obra polifônica, uma vez que aparecem as vozes de centenas de pessoas e no qual o principal personagem é a própria luta contra o fascismo em prol de uma sociedade democrática. Embora o texto seja de caráter memorialístico, Ada não descuida do rigor formal de sua narrativa, fazendo de seu texto um dos pontos altos da literatura italiana da primeira metade do século XX. Ela descreve a guerra, ao mesmo tempo em que reflete sobre temas caros ao ser humano, como a natureza da amizade e a importância do desenvolvimento coletivo da sociedade. A narrativa, sobretudo, nos possibilita uma ideia de como foi aquela difícil luta de resistência e de todos os sacrifícios que ela e seus companheiros fizeram e suportaram para vencer o fascismo.

Infelizmente, muitas vezes, tenho a certeza de que muitas pessoas das gerações posteriores não estão cientes desses sacrifícios. Por isso, me parece que seja um dever das mentes democráticas a realização do resgate permanente das lutas de figuras como a de Gobetti e de todos aqueles que lutaram pela liberdade e para que pudéssemos viver em sociedades democráticas. Nosso dever principal, principalmente em um momento em que, em muitos lugares do mundo, há pessoas que parecem achar que o pensamento fascista possa trazer algo de bom para a humanidade, seria o de não esquecer os horrores, as atrocidades que o fascismo causou no passado e que o preço da liberdade é e sempre será a eterna vigilância, para a qual precisamos ser sempre educados.

*William Soares dos Santos é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e escritor.

Marco Maciel, a eternidade do exemplo

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

O JORNAL DE LETRAS se une às homenagens e ao luto pela morte do saudoso acadêmico Marco Maciel. Na madrugada do dia 12 de junho, o ex-vice-presidente da República pernambucano, que estava internado em um hospital particular do Distrito Federal, faleceu em decorrência de um “quadro infeccioso respiratório”, como informaram os médicos. Foi enterrado no cemitério Campo da Esperança, em Brasília. O Governo Federal decretou luto oficial de três dias.

Líder de princípios sólidos, político aberto ao diálogo, fiel aos correligionários e respeitoso com os adversários, agia com discrição nos bastidores. Passou pela vida pública sem deixar nenhuma mancha, fazendo da política a arte da construção. O início da militância foi na política universitária, na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco. Nessa época, conheceu, na Universidade, a estudante de Sociologia Anna Maria Ferreira Maciel, com quem casou e teve três filhos: Gisela, Maria Cristiana e João Maurício.

Ao longo da carreira, pautado pela ética e probidade, sempre em defesa da democracia, abriu infinitas portas para o diálogo e o ordenamento institucional. Quando presidiu a Câmara dos Deputados, com apenas 30 anos, teve que confrontar-se com o fechamento do Congresso pelo Governo do general Geisel. Manteve-se na ação ao lado dos militares que trabalhavam pela abertura política.

Foi um dos políticos mais atuantes no projeto de distensão gradual que levou à anistia política e à eleição de Tancredo Neves pelo voto indireto. Rompeu com o PDS (partido governista derivado da Arena) e ajudou a fundar o PFL, com dissidentes governistas.

Além de deputado estadual e federal, teve uma atuação brilhante como senador e governador de Pernambuco, além de ter sido ministro da Educação e Chefe do Gabinete Civil da presidência no governo José Sarney.

Exerceu ainda o mandato de vice-presidente durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, de 1995 a 2003, ocasião em que assumiu a presidência da República 87 vezes. Com contribuições decisivas para o processo histórico brasileiro, atuou na linha de frente que resultou no fortalecimento da democracia.

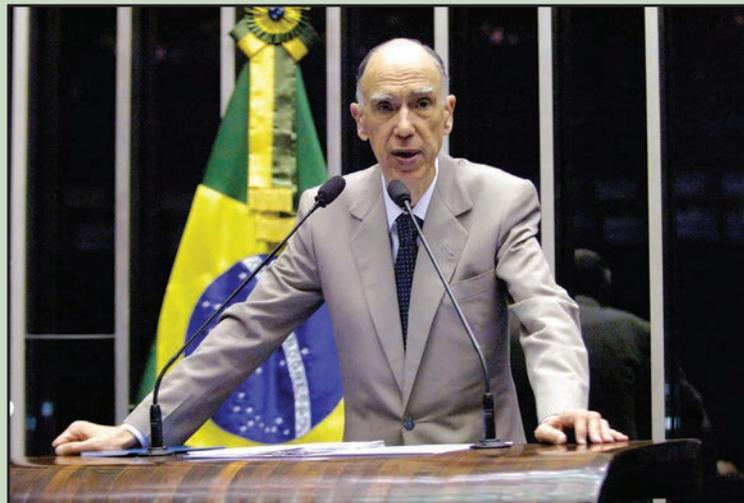
Em 2014, ele foi diagnosticado com Alzheimer.

Nascido em Recife (PE), em 21 de julho de 1940, o filho de José do Rego e Carmen Sylvia Maciel foi também, entre as inúmeras funções de importância pública já citadas, secretário da Fazenda, duas vezes deputado federal, prefeito do Recife, promotor e consultor-Geral do Estado.

Quem acompanhou sua vida afirmava que ele exercia a política como “ação missionária”, conforme definiu o intelectual Alceu Amoroso Lima (1893-1983). Foi essa forma de atuar que o tornou um dos mais conhecidos e respeitados homens públicos com relevantes serviços a Pernambuco, seu estado natal, ao país, às instituições e ao povo.

Oitavo ocupante da Cadeira nº 39 da Academia Brasileira de Letras, Marco Maciel foi eleito em 18 de dezembro de 2003, na sucessão de Roberto Marinho, e recebido em 3 de maio de 2004, pelo acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. Em seu discurso de posse, definiu a política como “ciência, virtude e arte do bem comum”:

“Tudo assim concorre, na minha opinião, para conferir, na estática moderna, enquanto ciência de Estado, a condição de homem público a todos quantos, mesmo não havendo exercido função pública ou disputado mandato eletivo, se tenham empenhado no serviço do bem comum. A vida pública, antes de ser uma profissão, é e deve ser uma atitude de vida a exigir não o diletantismo, mas, como propunha Nabuco, o interesse vivo e palpitante no destino e na condição alheia.” Citou o Papa João XXIII, na encíclica *Pacem in terris*, que afirmou: “A paz será uma palavra vazia de sentido se não se fundar na ordem: ordem



Marco Maciel discursa no Congresso Nacional, em Brasília.



Marco Maciel discursa na ABL.

fundada na verdade, constituída na justiça, alimentada e consumada na caridade, realizada sob os auspícios da liberdade.”

O discurso de recepção do acadêmico Marcos Vinícios Vilaça foi poético e muito aplaudido:

“Eis uma pessoa quase sobrenatural... Não podia defini-lo melhor já que se move e fala constantemente. E monstruosamente alto e magro... Um ar cavaleiresco de D. Quixote, qualquer coisa de apostólico... Sempre transbordante de vida e sempre a contar histórias interessantes...”

Dá para pensar ser um desenho de Marco Maciel, mas não é. Trata-se de Bernard Shaw, visto por Bertold Brecht.

Depois de Brecht, Mano Vargas Llosa principia *A Guerra do Fim do Mundo*, a saga de Canudos, com esta frase: ‘O homem era alto e tão magro que parecia sempre de perfil.’

Não parece Marco Maciel?

É que Marco Maciel é magro como relíquia de sacrário. Magro e alto.

O novo acadêmico chega à Academia Brasileira de Letras, alto e magro, mas não de perfil. Entra de frente, sob o pálio de valores fundamentais à convivência em nossa Casa: brasilidade, serviços à Cultura, produção intelectual, honradez irretocável, grande vida de político.

Ressalto, desde logo, a sua vertente de político, recordando Carnelutti, uma das leituras indispensáveis dos nossos tempos da Faculdade de Direito, que disse assim: ‘Admiro os políticos porque escolheram como profissão conviver com gente.’

Não causaria nenhum mal se este fosse o seu único título. Aqui, nunca deixamos de ter a grande cota de políticos. Todos, como no seu caso, de densa vida dedicada às Letras. A Política é a sua vocação. (...) A Política concedeu a Marco Maciel, assim como a muitos dos nossos confrades, a boa oportunidade de ouvir o povo, conhecer-lhe as agruras, acumular experiências. Esse cabedal apresenta-se nos seus textos onde o político não apenas reclama direitos, mas assume responsabilidades.”

LEGADO

Marco Maciel não tinha inimigos. Paciente e homem de muita fé, em 45 anos de vida pública deixou um grande legado e inspirou muitos políticos que trabalharam e cresceram ao seu lado. Com extrema capacidade de negociação, dotado de espírito público, contribuiu para o engrandecimento do Brasil, buscando construir pontes e entendimentos.

No Twitter, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), seu colega na Academia Brasileira de Letras, lamentou a perda. “Marco Maciel exerceu a vice-presidência nas duas vezes em que fui presidente. Se me pedirem uma palavra para caracterizá-lo, diria: lealdade. Viajei muito, sem preocupações: Marco exercia com competência e discrição as funções que lhe correspondiam. Deixa saudades.”

O ex-ministro da Educação, deputado Mendonça Filho (DEM-PE), declarou: “No momento em que o país precisa construir consensos, o Brasil perde o maior símbolo da política do diálogo: o pernambucano Marco Maciel. O DEM perde um de seus maiores líderes. Perco um amigo, conterrâneo e exemplo de ética a ser seguido, uma referência pessoal e política.”

Hamilton Mourão, vice-presidente da República, destacou o exemplo de probidade: “Político com extrema capacidade de negociação e dotado de espírito público, contribuiu para o engrandecimento do Brasil.”

O governador de Pernambuco, Paulo Câmara (PSB), decretou luto oficial de sete dias no Estado: “Com a morte de Marco Maciel, o Brasil perde um político que sempre esteve aberto ao diálogo e ao entendimento. Ao longo de sua trajetória como deputado, governador, senador, ministro e vice-presidente da República, Marco Maciel defendeu suas posições com ética e elevado espírito público. Características que também o destacaram na Academia Brasileira de Letras.”

O presidente do Congresso Nacional, Rodrigo Pacheco (DEM), manifestou tristeza: “É com tristeza que recebi a notícia do falecimento de Marco Maciel, que lutava há 7 anos contra o mal de Alzheimer. Meus sentimentos à sua família, amigos e admiradores.”

João Campos (PSB), prefeito do Recife, se uniu às manifestações de solidariedade: “O Brasil e Pernambuco perdem um grande político, o recifense Marco Maciel. Sempre fazendo política buscando construir pontes e entendimentos. Minha solidariedade à família e aos amigos. Que possam encontrar conforto neste momento de dor.”

O governador de Goiás, Ronaldo Caiado (DEM), destacou a unanimidade, resumindo o legado essencial do político pernambucano: “Exemplo de dignidade e de espírito público, perdemos uma unanimidade política, um verdadeiro estadista cuja biografia deve servir como exemplo para o Brasil, especialmente neste momento tão tristemente marcado pelo acirramento ideológico e pela cega confrontação.”

O presidente da ABL ressaltou a simplicidade e a sabedoria do acadêmico: “O Brasil perdeu um dos artífices mais sábios no cenário complexo da redemocratização. Homem discreto, delicado, como quase não há mais. Marco não firmou aliança com formas incertas e nebulosas. Seu compromisso foi o de manter-se fiel a um ideário, ao princípio de clareza e harmonia, como um grego, leitor de Aristóteles e Rousseau. Sua presença fez escola na vice-presidência da República. Jamais perdeu a consciência da liturgia do cargo. Falava pouco, agia muito, sem protagonismo vazio. Marco Maciel jamais endossou a miopia da pequena política, nem tampouco a bandeira do ódio. Foi um homem de cultura na política, atento aos ventos da História e ao futuro de nosso país.”

Sua partida inflige enorme perda para a política brasileira e a arte da conciliação.



O presidente da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), Crodowaldo Pavan, com a vice, Carolina Bori, e o então ministro da Educação, Marco Maciel, em 1985.



Nos tempos de vice-presidente, Marco Maciel caminhando ao lado de Michel Temer, Fernando Henrique Cardoso e Antônio Carlos Magalhães.



O jornalista Ângelo Castelo Branco e Anna Maria Maciel, entre outros, na Academia Pernambucana de Letras (APL), no lançamento da biografia *Marco Maciel, Um Artífice do Entendimento*, publicada pela CEPE Editora, em 2017.



Anna Maria Maciel, com os filhos João Mauricio e Gisela Maciel, receberam os amigos e parentes que foram no lançamento da biografia do político pernambucano, em 2017.

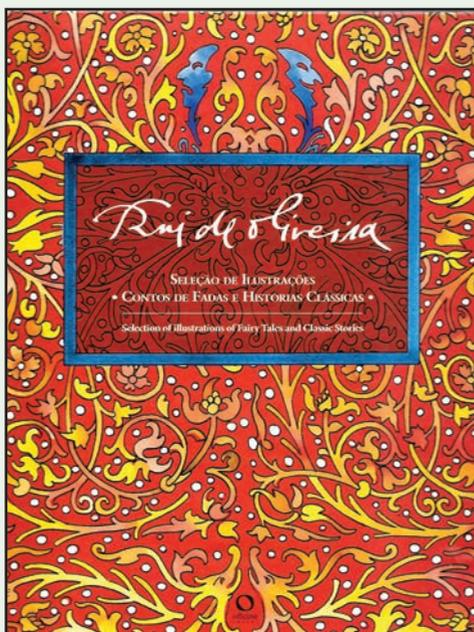
O Retorno!

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

O título da nossa página parece a continuação de uma história de aventuras, e é! Aos poucos, vacinados, ainda de máscaras, evitando aglomerações e com o álcool gel ao alcance, seguimos vagarosamente em busca de uma vida quase normal.

Conquistas, lançamentos, novidades alegram o nosso coração tão machucado e sensibilizado pela ausência de inúmeros amigos.

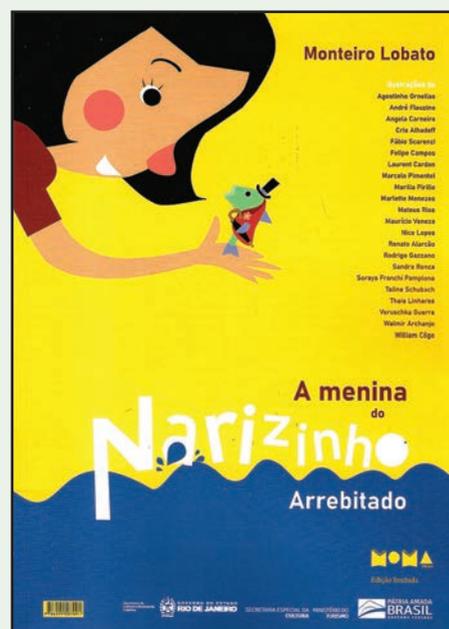
A primeira notícia chega pelas mãos da Oficina Raquel. O bellissimo livro *Rui de Oliveira – Seleção de Ilustrações – Contos de Fadas e Histórias Clássicas*. A biografia do renomado artista através de suas ilustrações. Com capa e projeto gráfico de Raquel Matsushita, toda beleza e melancolia do traço do artista se destacam na publicação cuidadosamente editada.



Subdivididos em várias categorias que reúnem temas de conscientização ambiental e social, o Clube de Leitura ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ONU apresenta uma rica seleção de títulos em língua portuguesa. Para conhecê-los, visite a página da Câmara Brasileira do Livro – www.cbbservicos.org.br. Parabéns às editoras, autores e ilustradores selecionados.

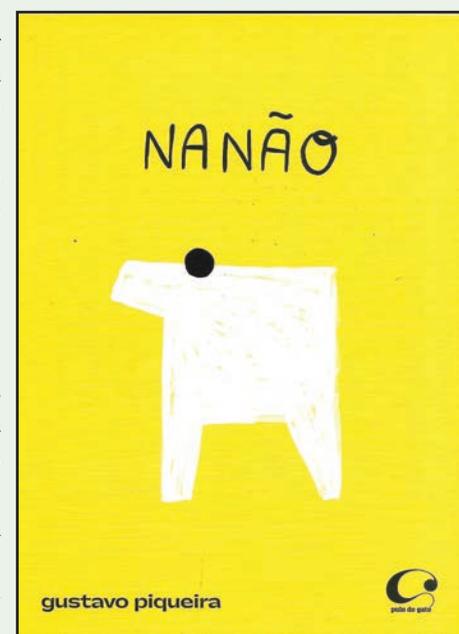


Nova editora, resgate ao passado – com a Editora MoMa, Mônica Martins comemora os 100 anos da publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, em uma obra que apresenta dois momentos: de um lado, a edição original com as ilustrações de Voltolino. Do outro, nova edição com a reunião de vários ilustradores (amigos queridos) que reinterpretam, com a sua criatividade, as aventuras lobatianas. Bem-vinda!

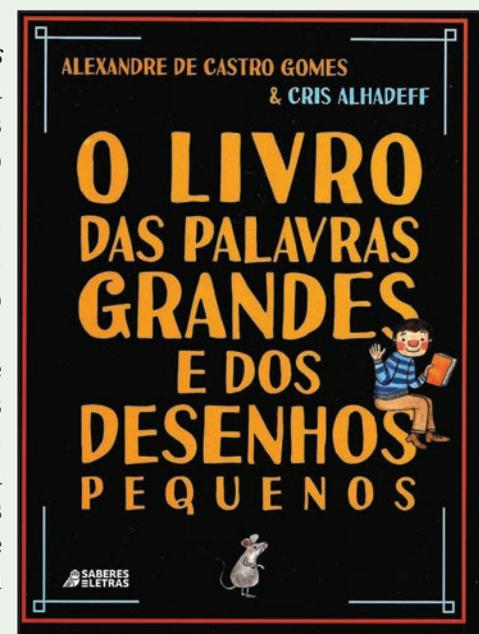


Continuando na apresentação de boas notícias, algumas histórias deliciosas:

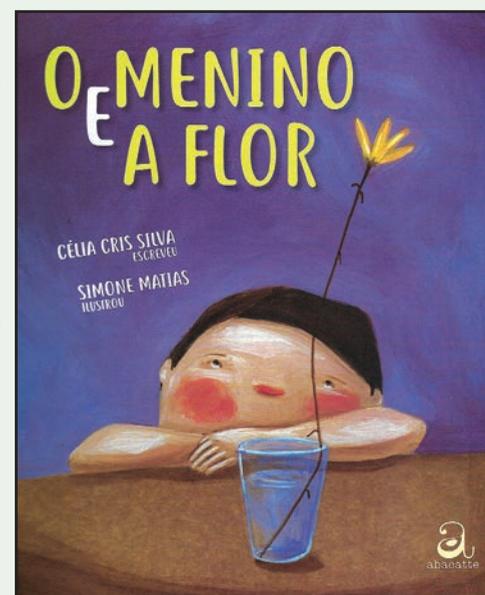
Nanão – Gustavo Piqueira escreve, influenciado pelas histórias e desenhos de seu filho, Milo Arantes Piqueira (Pulo do Gato) – “Esse aí é o Nanão. Tudo o que a gente pergunta, ele responde NÃÃÃÃO!” E não adianta nem tentar: passeio, brincadeira, comida gostosa (sorvete!), a resposta é sempre a mesma: NÃÃÃÃO! Mas será que estamos fazendo a pergunta correta? “Nanão, você gosta de ficar em casa? NÃÃÃÃO!” Assim, com outras perguntas, o resultado é melhor, ou NÃÃÃÃO?



O Livro das Palavras Grandes e dos Desenhos Pequenos – A dupla Alexandre de Castro Gomes e Cris Alhadeff é imbatível na invenção de livros geniais (Saberes e Letras) – Epaminondas é um nome grande para um ratinho, mas a história é genial e ele arranja um jeito divertido de se dar bem. Afonsão, apesar do nome aumentativo, é bem pequenininho e por isso, às vezes, carrega uma grande tristeza. Mas Afonsão também encontra uma boa solução para resolver seus problemas e no meio dos livros e das histórias... se transforma em GIGANTE!



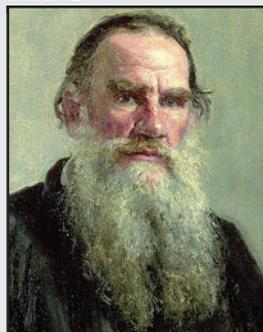
O Menino e a Flor – Célia Cris Silva escreveu e Simone Matias ilustrou (Abacatte) – Quantas vezes ouvimos “homem não chora”, “menino não brinca com boneca”, “essa menina não tem modos, parece um moleque”! Com sensibilidade, a autora quebra o estigma herdado e mostra que delicadeza e sentimento podem e devem fazer parte do universo masculino. Lindo!



JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL

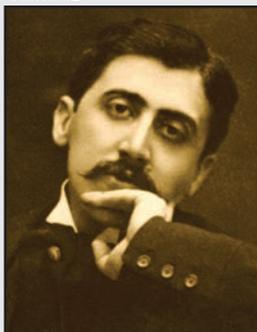


LEV TOLSTOI

Lev Nikolaevitch Tolstói (Governorato de Tula, 9 de setembro de 1828 – Astapovo, 20 de novembro de 1910) foi um escritor russo, amplamente reconhecido como um dos maiores de todos os tempos. Nascido

em 1828, em uma família aristocrática, Tolstói é conhecido pelos romances *Guerra e Paz* (1869) e *Anna Karenina* (1877), muitas vezes citados como verdadeiros pináculos da ficção realista. Ele alcançou aclamação literária ainda jovem, primeiramente com sua trilogia semiautobiográfica, *Infância, Adolescência e Juventude* (1852-1856) e por suas *Crônicas de Sebastopol* (1855), obra que teve como base suas experiências na Guerra da Crimeia. A ficção de Tolstói inclui dezenas de histórias e novelas como *A Morte de Ivan Ilitch* (1886), *Felicidade Conjugal* (1859) e *Hadji Murad* (1912). Durante a década de 1870, Tolstói experimentou uma crise moral, seguida do que ele considerou um despertar espiritual profundo, conforme descrito em seu trabalho não ficcional *A Confissão* (1882). *O Reino de Deus Está Dentro de Vós* (1894) teve impacto em figuras centrais do século XX como William Jennings Bryan e Gandhi. Em 23 de setembro de 1862, Tolstói se casou com Sophia Andreevna Behrs, filha de um médico da corte. Eles tiveram 13 filhos, oito dos quais chegaram à vida adulta. Tolstói morreu de pneumonia, na estação de trem de Astapovo, depois de um dia inteiro de viagem. A polícia tentou limitar o acesso a sua procissão de funeral, mas milhares de camponeses reuniram-se nas redondezas, pois pensaram que “algum nobre havia morrido”. Tolstói morreu em 1910, aos 82 anos de idade.

acervo JL

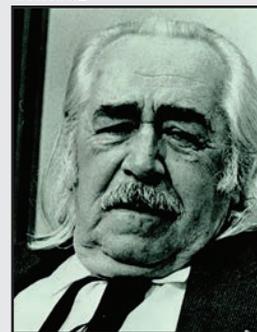


MARCEL PROUST

Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust (Auteuil, 10 de julho de 1871 — Paris, 18 de novembro de 1922) foi um escritor francês, mais conhecido pela sua obra *À la Recherche du Temps Perdu* (*Em Busca do Tempo*

Perdido), que foi publicada em sete partes entre 1913 e 1927. Filho de Adrien Proust, professor de medicina, e Jeanne Weil, alsaciana de origem judaica, Marcel Proust nasceu numa família rica. Após estudos no Liceu Condorcet, prestou serviço militar em 1889. De volta à vida civil, assistiu na École Libre des Sciences Politiques aos cursos de Albert Sorel e Anatole Leroy-Beaulieu; e, na Sorbonne, os de Henri Bergson (1859-1941). Em 1900, efetuou uma viagem a Veneza. Em 1904, publicou várias traduções do crítico de arte inglesa John Ruskin (1819-1900). Escreveu *Jean Santeuil*, uma grande novela deixada incompleta, e publicou *Os Prazeres e os Dias* (*Les Plaisirs et les Jours*), uma reunião de contos e poemas. A sua obra principal, *Em Busca do Tempo Perdido* (*À la Recherche du Temps Perdu*), foi publicada entre 1913 e 1927, o primeiro volume editado à custa do autor na pequena editora Grasset, ainda que muito rapidamente as edições Gallimard recuaram na sua recusa e aceitaram o segundo volume *À Sombra das Raparigas em Flor* pela qual recebeu em 1919 o prêmio Goncourt. A homossexualidade é tema recorrente em sua obra, principalmente em *Sodoma e Gomorra* e nos volumes subsequentes. Trabalhou sem repouso à escrita dos seis livros seguintes de *Em Busca do Tempo Perdido*, até 1922. Faleceu esgotado, acometido por uma bronquite mal cuidada.

acervo JL



MÁRIO PALMÉRIO

Mário de Ascensão Palmério, político, educador e romancista, nasceu em Monte Carmelo, MG, em 1º de março de 1916, e faleceu em Uberaba, MG, a 24 de setembro de 1996. Mário Palmério fez seus estudos secundários no Colégio

Diocesano de Uberaba e no Colégio Regina Pacis, de Araguari, licenciando-se em 1933. Em 1936, ingressou no Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais, sendo designado para servir na sucursal de São Paulo. Em 1939, matriculou-se na seção de Matemática da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. No Triângulo Mineiro, Mário Palmério fundou, em 1950, a Faculdade de Direito e, em 1953, a Faculdade de Medicina. Durante vários anos viajou de barco pelo rio Amazonas e seus afluentes, levantando dados sobre a realidade física, social e cultural da Região Amazônica. Escreveu *Chapadão do Bugre*, romance para o qual vinha colhendo, desde o êxito de *Vila dos Confins*, abundante material linguístico e de costumes regionais, recebendo de toda crítica muitos elogios. Lançado em outubro de 1965, o romance teve inúmeras edições. Em 1987, deixou de vez o Amazonas e voltou a morar em Uberaba, como presidente das Faculdades Integradas daquela cidade. Em 1988, recebeu a medalha Santos Dumont, conferida pelo Ministério da Aeronáutica. Trabalhou nos títulos *O Morro das Sete Voltas*; *As Confissões de um Assassino Perfeito* e *Diário do Amazonas*, sem publicação em livro. Mário Palmério era casado com D. Cecília Arantes Palmério. Teve dois filhos, Marcelo e Marília.

Oásis

Por Raquel Naveira*

Perseguida, fugi para o deserto. Uma terra árida e desolada passou a ser minha realidade de peregrina. Corre em minhas veias o sangue árabe dos beduínos, o vivo amor da independência, a valentia que beira a temeridade, o amor à poesia e me arrisquei.

Atravessei as areias escaldantes. Caravanas caminharam ao meu lado com cargas de ouro, marfim, especiarias e sal. Meu corpo, sob o manto de lã branca, desafiava as temperaturas amplas que iam do calor ao frio enregelante. Desviei dos escorpiões da maldade, das víboras da inveja e dos chacais da perdição. O medo de morrer de uma picada, de um vírus invisível, era grande, mas não me paralisava. Montada entre as corcovas gordurosas de meu camelo, algo vindo no vento fortalecia minhas mãos fracas e firmava meus joelhos frementes. O camelo, eu confiava, conhecia as rotas onde havia água e me guiava pelas estrelas, pelos cheiros, pela textura das dunas. Súbito, diante de mim, estava o oásis. Um oásis misterioso, todo feito de esperança. Um oásis de paz encravado no meio das montanhas. O lago parecia um lençol esticado e azul. As palmeiras vergavam os galhos pesados de tâmaras, entre canas e juncos. Ah! Como eu precisava desse oásis, desse descanso sagrado, desse repouso, desse momento de me reconciliar com

minha origem e sonhar com meu destino. Foram tantas lutas, trevas, ânsias e velórios que já não achava possível um pouco de prazer, de alegria. Não acreditava que no ermo floresciam rosas. E elas exultam.

Seria uma miragem? Dirijo-me à fonte que desliza pelas laterais das rochas úmidas, cobertas de mofo e líquens. Bebo sofregamente os goles coletados da névoa. Fiz da fé um oásis no coração.

Na verdade, aprendi desde a infância a percorrer os meus desertos para encontrar esse oásis. Meu mestre foi Malba Tahan, o escritor árabe que viveu em Meca, visitou a Rússia, antes da guerra, ressurgiu na Pérsia, na Índia, em Xangai e no Brasil. Um estranho árabe, “de grandes olhos pestanudos”, como descreveu o poeta Olegário Mariano. Graças ao seu poder de imaginação, ao seu sentimentalismo, sorvi a magia das palavras, dos grandes ensinamentos. Convenci-me de que “quando Allah quer bem a um dos seus servidores, abre para eles as portas da Inspiração”. Senti-me poeta e tuaregue.

Sei que Malba Tahan era apenas o heterônimo do professor de matemática, Júlio César de Melo e Sousa (1895-1974), dono de personalidade original, que estudou a fundo a cultura oriental. Mas gosto de fantasiá-lo como um discípulo de Sherazade, contando mil e uma histórias de monarcas, príncipes, sultões, xeiques, rabinos, dançarinas hindus, odaliscas entre véus, poderosos governantes, humildes servos, todos escravos de amores proibidos. Um universo onde as injustiças e corrupções são punidas, as aparências não iludem e a ética e a sabedoria sempre prevalecem.

Perseguida e cansada, fugi montada em meu camelo para o deserto. Banhei-me nas águas puras de um oásis, folheando antigos volumes das lendas e contos de Malba Tahan.

*Raquel Naveira é da Academia Sul-matogrossense de Letras.



arte Desenharte



Por Zé Roberto

zrgauna@hotmail.com



CÉLLUS

Nascido no município de Belém, capital do estado do Pará, no dia 22 de maio de 1969, Marcello Monteiro, o Célus, é um dos cartunistas mais atuantes de sua geração. O artista iniciou sua trajetória em 1983, quando o chargista Aroeira o convidou a publicar quadrinhos no jornal *Diário da Tarde*, de Belo Horizonte. Três anos depois, o desenhista transferiu-se para São Paulo, quando ganhou espaço no Caderno 2, do jornal *O Estado de S. Paulo*, que passou a publicar as tiras de quadrinhos da série Grilos. Na época, o editor Luiz Fernando Emediato o convidou para substituir, por 40 dias, a Graúna, de Henfil, que estava afastado cuidando da saúde. Após o retorno de Henfil, Grilos ganhou espaço próprio no *Estadão* mantendo-se por consideráveis dois anos. A tirinha Grilos, que chegou a merecer uma retomada em 2014, poderá ser vista em breve numa antologia que Célus está preparando para o ano que vem. Aguardem!

Em 1995, muito antes de a internet ganhar a dimensão dos dias atuais, e já antevendo a revolução digital, o cartunista criou um fanzine que era distribuído no formato disquete, cheio de histórias em quadrinhos, humor, música e artigos sobre artes. No ano seguinte, até 1999, Célus retornou a Belo Horizonte, voltando a colaborar com o *Diário da Tarde*, dessa vez como ilustrador.

Experiente e com passagens por diversos jornais e revistas, o artista colaborou com a versão paulista do jornal *O Pasquim*. Ainda no mercado editorial de São Paulo, também publicou seus desenhos nos jornais *Gazeta Esportiva* e *Diário do Comércio*, e nas revistas *Exame*, *Veja*, *Você SA*, *Superinteressante*, *Galileu*, *Globo Rural*, *VIP*, *Playboy*, entre outras.

Célus mantém atualizadas suas atividades na internet, e pode ser visitado no site cellus.com.br/, ou nas redes sociais, no Instagram e

Facebook, nos perfis “celluscartum” e “marcello.monteiro.104”, respectivamente. No site crocodilo.com.br/, o leitor do JORNAL DE LETRAS pode baixar gratuitamente a edição da revista cultural *Crocodilo*, editada em dezembro de 2018, e conhecer o interessante trabalho do artista como editor.

Saúde e Arte!



CÉLLUS



Livros – pergaminhos do amanhã

Por José Carlos Gentili*

Costumo afirmar que os livros serão os pergaminhos do Amanhã, atualmente existentes com 129.864.880 edições, conforme registros diários da Inside Google Books. Muitos dirão, poucas! Observem que se tratam de edições de livros impressos!

Livros impressos têm seu início com o homem de Mogúncia, face o advento da prensa com tipos móveis, imprimindo Johannes Gutenberg a Bíblia, em 23 de fevereiro de 1455.

Todavia, livro pro-mana de *liber*, que significa uma membrana, existente entre a casca e o cerne de algumas árvores, primitivamente utilizada para a impressão.

Antes, os registros eram inscritos em argila, em couro, em pedra, em ossos e em metais, mais tarde transpostos em seda, em papiro, em pergaminho, em papel, finalmente.

Uma longa trajetória até a chegada dos *e-books*, etapa que será substituída pelo “chipamento” dos seres humanos, que se tornarão gigantescas bibliotecas ambulantes.

Antevisão, sim. Previsibilidade embasada na vertiginosa inteligência artificial que inicia descobertas no ignoto universo neuronal. Além, claro, das pesquisas do mundo da genética, da bioquímica e da astrofísica. Tenhamos em conta que iniciamos viagens estelares... Algo incognoscível!

O Tempo é uma ficção humanoide.

Recentemente, Walter Montgomery Jackson (1863-1923), ao difundir a britânica *The Children’s Encyclopaedia*, conhecida como Tesouro da Juventude (*The Book of Knowledge*), assim enunciava *ipsis literis*, podendo-se considerar, hoje, até certo ponto algo risível:

“Encyclopedia em que se reúnem os conhecimentos que todas as pessoas cultas necessitam possuir, oferecendo-os em forma adequada para o proveito e entretenimento (*sic*) dos meninos.”

Um destes “meninos” foi o octogenário autor destas divagações, ao receber, aos dez anos de vida (1950), a coleção do Tesouro da Juventude (edição da Jackson & Jackson, Inc.) composta por 18 compêndios, lidos e relidos várias vezes, fonte de consulta permanente, à época.

Com o advento da internet, este cenário tornou-se mera e saudosa lembrança!

Os audiolivros são realidades em quaisquer idiomas, decifráveis com a simples manipulação do Enence (Instant Translator), que permite qualquer beócio comunicação em 29 idiomas.

Outrora, as tradicionais conversas nos alpendres, transmutativas dos conhecimentos vivenciais sob o manto da milenar dialética familiar, verdadeiro caminho entre as ideias na ideação do grego Platão, estão sendo convergidas para as redes e suas plataformas internéticas, de forma globalizada e instantânea (on-line).

Imagine-se a genialidade de Leonardo da Vinci, no medievo, ao antever o futuro com a edição do *Codice sul volo e sugli uccelli* (Códice sobre o voo dos pássaros), em 1505, confrontado com as realidades tecnológicas da atualidade.

A Biblioteca Digital Mundial (World Digital Library), multilingue, criada pela Biblioteca dos Estados Unidos e UNESCO, conduz o estudante não mais às bibliotecas, de forma presencial; mas, ao contrário, promove a convergência à classe discente em salas de aula, a forma instantânea e eletrônica, a disponibilizar um volume gigantesco e inimaginável de

dados, de dicionários e, sobretudo, de ensinamentos estratificados.

A Teoria Quântica, proposta por Max Planck, é algo impressionante, senão vejamos o descortinar dos meandros deste universo:

“A mensagem é que na teoria quântica não há fatos objetivos. Isso quer dizer que um mesmo fato não é visto da mesma forma por diferentes observadores.

Trata-se de uma disciplina tão impressionante quanto complexa que se propõe a definir e entender aquilo que não se vê, aquilo que não se pode medir e todo o indeterminismo inscrito nas partículas que compõem a nossa realidade.”

Em suma, a realidade não existe! Os livros não existirão mais!

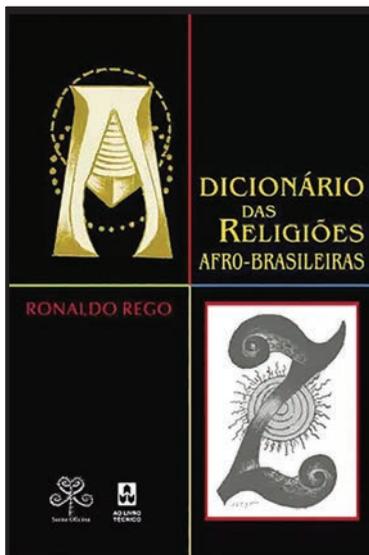
A Odisseia da Gnose, mais do que um livro, é um contraponto visionário assestado para a comunicação do Amanhã, de cunho telepático, de natureza informacional, em que o pensamento será a linguagem instantânea e cotidiana entre os seres.

Os livros? Serão os pergaminhos do Amanhã!



Inscrição cuneiforme, suméria, datada de 2.600 a.C. (Museu do Louvre-Paris)

*José Carlos Gentili é membro da Academia de Letras de Brasília, da Academia Brasileira de Filologia e da Academia das Ciências de Lisboa.

**TRADIÇÃO ORAL**

O que são palavras? Raramente pensamos nelas em nosso dia a dia, envolvidos em infindáveis ações, interagindo com o mundo e nossos semelhantes. Nesse rodameio, as palavras são simplesmente um fato da vida. E, em verdade, elas são parte fundamental do que é unicamente humano. Sem a linguagem e seus blocos constituintes, as palavras, não haveria muito que nos diferenciássemos de outros antropóides, jamais nos tornaríamos o que somos, não teríamos abandonado a selva e nos espalhado pelo globo. Palavras carregam em si bem mais que seu sentido utilitário, pois nascem no seio de uma cultura humana específica, com sua carga de historicidade, tradições e espiritualidade. Elas, portanto, podem revelar toda uma outra dimensão, se lhe dermos a devida atenção. No sentido de preservar e divulgar o vocabulário pertencente aos cultos afro-brasileiros foi que Ronaldo Rego, ao longo de décadas, reuniu diligentemente uma respeitável coleção de termos usados pelos participantes desses cultos, através de depoimentos coletados nas páginas especializadas, periódicos e outras fontes. Tais palavras, cujo significado é revelado nas páginas desse dicionário, abrem a porta para o rico universo da cultura afro-brasileira, nascida no encontro, assimilação e transformação de símbolos e tradições religiosas de nossas principais origens: europeia, africana e indígena. *Dicionário das Religiões Afro-Brasileiras* de Ronaldo Rego sai sob a égide de Ao Livro Técnico.

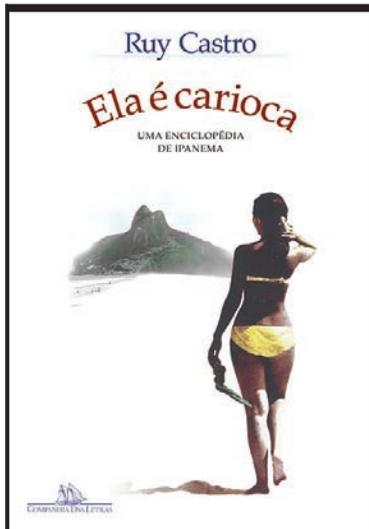
IR ALÉM

MARIA VASCO



POESIA

A poesia direta, irreverente e originalíssima de Maria Vasco se traduz neste *Plou!* (Editora 7 Letras), onomatopeia de multissignificados, som da semente que estoura e gera vida, som da liberdade, da luz, da ideia poética de ir sempre além. “Maria para mim é a expressão de amor à vida. Ela transborda. Escreve com total e tocante honestidade, com profundidade e sutileza incomuns. Transforma em palavras tudo que sente. Maria vive a poesia. Maria vive em poesia”, ressalta Monica Martelli. Me sentei no balaústre/ fiquei a pescar ideia/ foram tantas na cabeça de medeia/ que me vi pendurada no lustre/ colada no teto/ desabado repleto de loucura/ fartura abstrata/ que trata do imponderável/ o admirável ainda existe/ mesmo triste/ diante do que vê//. Maria Vasco nasceu em Recife, em 1944. Chega ao Rio aos 3 anos e é envolvida imediatamente pelo espírito carioca. A irreverência e o humor são traços fortes da personalidade de Maria e do Rio. Uma revolucionária de ideias que se casou com a cidade. Poeta, artista plástica, compositora e ambientalista, idealizou e coordenou o projeto de educação ambiental para a Cedae e o Governo do Estado com o apoio do Banco Mundial em 1992. Lançou seu primeiro livro, *O Livro Vermelho de Maria Vasco*, de poesias eróticas, pela editora Tinta Negra. Maria continua irreverente e inovadora, criando a onomatopeia Plou, que significa o som da ideia.

**CARIOQUICES**

Na estreita faixa entre o Atlântico e a Lagoa Rodrigo de Freitas, chamada Ipanema, no Rio de Janeiro, “produziu-se a maior quantidade de cronistas, poetas, romancistas, designers, arquitetos, cartunistas, artistas plásticos, compositores, cantores, jornalistas, fotógrafos, cineastas, dramaturgos, roteiristas, cenógrafos, figurinistas, atores, diretores de TV, modelos, estilistas de moda e esportistas de que se tem notícia no Brasil”. Por sessenta anos, essa “província de cosmopolitas” influenciou decisivamente na cultura brasileira, e muitos de seus protagonistas se tornaram estrelas reconhecidas em todo o Brasil. *Ela é carioca* (Cia das Letras) compõe-se de 237 verbetes, abrangendo centenas de figuras que ajudaram a mudar o jeito de o brasileiro escrever, falar, se comportar, se vestir e até se despir. Narrados no estilo inconfundível de Ruy Castro, essas minibiografias se completam mutuamente e apresentam não apenas a história de cada figura, mas transportam o leitor ao fervilhante clima cultural da

FORA DO PADRÃO

época. Tudo isso é Ipanema: Tom Jobim, Leila Diniz, Rubem Braga, Tônia Carrero, Millôr Fernandes, Danuza Leão, Vinicius de Moraes, Fernando Gabeira, Jô Soares, João Saldanha, Paulo Francis, Odette Lara, Glauber Rocha, Ibrahim Sued, Alair Gomes, Jaguar, Marina Colasanti, Ira Etz, Ferreira Gullar, Roniquito de Chevalier, Nelson Motta, Cazuza, Zózimo Barrozo do Amaral, Ziraldo, Zuzu Angel, e muito mais.

Jarid Arraes se destaca como uma das maiores escritoras brasileiras da atualidade. Os temas de sua obra, sempre urgentes e igualmente atuais, colocam em evidência sujeitos preteridos, fora do padrão e das vistas da sociedade: “eu quero ouvir/ sobre as pequenas vidas/ os pequenos instantes/ de vida/ que ainda resistem/ aí”. Nesta antologia, a autora de *Redemoinho em Dia Quente* vai em busca de “uma toca/ de paredes/ grossas// um abrigo/ que cesse/ a fome”, um refúgio em meio a campo aberto. Em um denso equilíbrio entre introspecção e crítica social, estes poemas se dividem em cinco ramos – selvageria, fera, corpo aberto, caverna e poemas inéditos – e recuperam a imagem da mulher e do corpo feminino negro, que se encontra desprotegido da loucura e das inúmeras opressões cotidianas. *Um Buraco com Meu Nome*, reeditado agora pela Alfabara, traz sete poemas jamais publicados pela autora, reforçando a vitalidade da obra: “existio paralela/ e por dentro/ estou faminta”, diz Jarid. Maridam Arraes nasceu em Juazeiro do Norte, na região do Cariri (CE), em 1991. Escritora, cordelista e poeta, é autora de *Heroínas Negras Brasileiras: em 15 cordéis* (Seguinte, 2020); *Redemoinho em Dia Quente* (Alfabara, 2019), vencedor do prêmio APCA e do prêmio Biblioteca Nacional na categoria contos/crônicas; e *As Lendas de Dandara* (Editora de Cultura, 2016).

**EXTENSÃO OU COMUNICAÇÃO**

Escrito no Chile, em 1968, *Extensão ou Comunicação?* é um ensaio preciso sobre a escolha metodológica dos educadores e faz a defesa de uma educação que não se reduz à capacitação técnica, mas que abrange o esforço através do qual os homens se decifram como transformadores da realidade. Propõe uma análise sobre o trabalho do agrônomo (chamado erroneamente “extensionista”) como educador e pretende ressaltar sua indiscutível e importante tarefa junto aos camponeses (e com eles), a qual não se encontra corretamente indicada no conceito de “extensão”. O prefácio é do engenheiro agrônomo e economista agrário chileno Jacques Chonchol. Em 1963, em Angicos, interior do Rio Grande do Norte, trezentos trabalhadores rurais foram alfabetizados em apenas 40 horas, pelo método proposto por Paulo Freire. Esse foi o resultado do projeto-piloto do que seria o Programa Nacional de Alfabetização do

BODAS EM TIPASA

governo de João Goulart, presidente que viria a ser deposto em março de 1964. Em outubro desse mesmo ano, Freire deixou o Brasil para proteger a própria vida. Apenas voltou a visitar o país em 1979, com a abertura democrática. Ao longo de sua história, Paulo Freire recebeu mais de cem títulos de doutor *honoris causa*, de diversas universidades nacionais e estrangeiras, além de inúmeros prêmios, como Educação para a Paz, da Unesco, e Ordem do Mérito Cultural, do governo brasileiro. Integra o International Adult and Continuing Education Hall of Fame e o Reading Hall of Fame. “O diálogo e a problematização não adormecem a ninguém. Conscientizam. Na dialogicidade, na problematização, educador-educando e educando-educador vão ambos desenvolvendo uma postura crítica da qual resulta a percepção de que este conjunto de saber se encontra em interação. Saber que reflete o mundo e os homens, no mundo e com ele, explicando o mundo, mas sobretudo, tendo de justificar-se na sua transformação.”

Bodas em Tipasa (Editora Record) é a reunião de dois livros de Camus: *Bodas* e *O Verão*. *Bodas*, escrito entre 1936 e 1937, é um de seus primeiros trabalhos, e nele o autor já lida com questões que abordaria em toda sua obra – o absurdo e o suicídio. São quatro ensaios líricos com caráter autobiográfico. O primeiro, *Bodas em Tipasa*, texto mais famoso, se passa na cidade argelina onde, com suas ruínas romanas e o mar, “exibimos, todos, a lassidão feliz de um dia de bodas com o mundo”. Além deste, é composto também por “O vento em Djemila”, com suas ruínas, seus afloramentos rochosos, onde “reinava um silêncio pesado e compacto”; “O verão em Argel”, em que apresenta um dos grandes fundamentos de sua filosofia, pois “se há um pecado contra a vida, talvez não consista tanto em desesperar dela quanto em esperar outra vida, e se furtar à implacável grandeza desta”; e “O deserto”, sobre sua viagem à Toscana com um “deserto singular [que] só é sensível aos que são capazes de nele viver sem jamais enganar sua sede. É então, e só então, que ele se povoa das águas vivas da felicidade”. *O Verão* é um ensaio de Camus escrito poucos anos depois, entre 1939 e 1953. Nele o autor se debruça sobre uma viagem que parte da Argélia, do fio de Ariadne no encaço do Minotauro para evocar Orã e seus arredores, revisita o mito de Prometeu à luz da violência do mundo então e sonha com a beleza de Helena e da Grécia, que nos envolve numa viagem pelo Mediterrâneo e por seus mitos. *Bodas em Tipasa* é uma reunião de textos da juventude do filósofo do absurdo, que se tornaria um dos mais importantes autores do mundo no século XX, em que ele parte da própria vida para dar início a reflexões que seriam vistas em todo seu trabalho. Em suma, um livro fundamental para se entender a obra camusiana.

#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br



Federações



Sindicatos



SESC



Senac

Trabalho a favor do Brasil.

Manifesto: escreva o seu obituário enquanto há tempo!

Por Jonas Rabinovitch*

Tive o privilégio de conversar há alguns dias com um jornalista do *Wall Street Journal* que se especializou em escrever obituários. Ele faz isso há 30 anos. Perguntei a ele: “o que os biografados notáveis tem em comum?” Resposta: “otimismo e resiliência.”

Segundo o dicionário, “um obituário é um registro necrológico veiculado nos meios de comunicação social”. Alguns autores reconhecem o obituário como um dos mais nobres produtos do chamado jornalismo literário. Um obituário é mais que uma notícia, é mais que um artigo, é mais que um currículo. É a mais sublime reflexão sobre uma vida.

Um obituário acontece após uma perda. Mas eu o definiria como a síntese do que ganhamos com uma vida. “*Se perdermos algo, não percamos a lição*”, disse o Dalai Lama.

A única certeza que temos sobre a vida é que não sairemos vivos dela. Cabe a nós encontrar o sentido, o desenho escondido, a arqueologia da nossa essência, a soma e síntese das escolhas. A minha inclui algumas certezas e muitas dúvidas.

Dúvida, dádiva da vida... Eu tinha dúvidas sobre escrever meu próprio obituário. Mas tenho certeza de que nunca terei meu obituário publicado no *Wall Street Journal* ou aqui. Então... dane-se. Ninguém vai ler, mas já o escrevi.

Outra certeza é de que “a vida é feita de momentos”, como disse Borges. Portanto, não vejo um obituário apenas como grandioso tributo final. A vasta maioria dos nossos momentos são frívolos, insignificantes e rotineiros.

Ao mesmo tempo, há coisas únicas sobre nossas vidas que só nós sabemos. Já que “do pó viemos e ao pó retornaremos”, é importante ressaltar também o que nos faz comuns, humanos, e únicos, não apenas as gloriosas exceções que nos elevam. Um obituário – para ser respeitado e autêntico – não pode virar peça de marketing.

Portanto, escreva seu obituário! Hoje, aqui, agora. Ou quando quiser. Nada fará você refletir mais sobre a sua própria vida do que tentar resumi-la em 300 palavras. E depois vá corrigindo o rascunho, palavra por palavra, a cada novo dia. Edite-se, sendo. Otimismo e resiliência ajudam.

*Jonas Rabinovitch é arquiteto, conselheiro sênior da ONU para Inovação e Urbanismo, Nova York.



Gíria alimentar

Por José Augusto Carvalho*

O homem, assim como a maioria dos animais, tem dois instintos básicos: o da conservação da espécie e o da conservação do indivíduo. O primeiro, que é o instinto sexual, leva-o a acasalar-se, a constituir família, a ter prole. O segundo leva-o a procurar alimento para manter-se vivo.

No primeiro caso, a satisfação do instinto depende só dele. Mas o segundo depende também do governo, da previdência social, da economia, do emprego... Por isso, a preocupação com a própria sobrevivência é algo que não depende apenas do interessado. Como o Brasil é um país ainda subdesenvolvido (ou, como querem os otimistas, em vias de desenvolvimento), o povo é faminto. Se, na maioria dos países, a gíria, que é a expressão da alma e da criatividade do povo, é basicamente sexual, é apenas na língua portuguesa do Brasil, que eu saiba, que a gíria também se compõe, ao lado das expressões relacionadas ao sexo, de muitos termos associados à alimentação, como: estar nos seus azeites (estar de mau humor), dar um bolo (faltar a um compromisso), ser rei da cocada preta (achar-se o tal), ser canja (ser coisa fácil), chá de sumiço, tudo acaba em pizza (sem punição), aquilo é uma marmelada (trapaça), ser farinha do mesmo saco (ser da mesma laia), pão-pão, queijo-queijo (sem rodeios), comer o pão que o diabo amassou (passar por dificuldades), tem caroço embaixo desse angu, pôr azeitona na minha empada, ser sopa no mel (ser fácil), estar por cima da carne seca (estar em posição elevada), dar um caldo (enfiar a cabeça de alguém na água), pão

(homem bonito), fazer biscoito para viagem (estar muito doente, reminiscência das viagens marítimas em que o biscoito era alimento básico), engolir frango (goleiro que não impede um gol, por descuido, no jogo de futebol), prato cheio (fato que provoca zombaria), pôr em pratos limpos (esclarecer) etc. Não é à toa que o verbo *comer* e o adjetivo *gostoso* associam a gíria sexual à da prática alimentar.

Muitos ditos populares retratam fases históricas. Assim, para lembrar os tempos das grandes navegações, temos expressões como: remar contra a maré, ir de vento em popa, estar no mesmo barco, embarcar em canoa furada, abordar alguém, deixar o barco correr, ficar a ver navios...

Da mesma forma, a gíria baseada em produtos do campo também mostra o caráter tradicionalmente campesino do brasileiro, já que o Brasil foi durante muito tempo um país essencialmente agrícola: plantar batatas (parar de chatear), dar uma banana (expressão vulgar que designa um gesto de origem portuguesa, com conotação sexual), ter um pepino nas mãos (ter problemas), um abacaxi (um problema difícil de resolver), plantar bananeira (ficar de ponta-cabeça), xuxu, uva, doce de coco (designativos de mulher bonita), favas contadas (algo inevitável), cana (situação difícil de suportar, cadeia), fruta (homossexual passivo), chorar pitanga (fazer choradeira) misturar alhos com bugalhos (misturar ou confundir coisas) etc.

Uma expressão, contudo, tem uma história bem recente. No Nordeste, meninos ruivos (da cor da laranja) de olhos claros, diziam-se descendentes de holandeses, ainda que o não fossem, e eram chamados de “laranjos”. Assim, a palavra *laranja* passou a designar alguém que se passa por outro, ou que lhe ocupa o lugar de maneira mentirosa ou fraudulenta.

Como se vê, a gíria nos ensina mais que a própria vida...

*José Augusto Carvalho é mestre em Linguística pela Unicamp e doutor em Letras pela USP.

A educação pós-pandemia

Por Bernardo Knabben*

A futurologia é uma ciência tão fascinante quanto arriscada. Em momentos de transformações profundas como o atual, muita gente se põe a imaginar como será o mundo após a pandemia. Como professor e empreendedor em educação, sou um observador atento e gosto de prestar atenção a sinais que, se não determinam irrefutavelmente o que virá, nos fornecem pistas seguras para antever o futuro próximo.

Pinçarei trechos de duas análises recentes que circularam recentemente e que você provavelmente já viu, mas talvez não tenha se detido aos detalhes. O primeiro é um dos tradicionais anuários da inglesa *The Economist*, *The world in 2021* (O mundo em 2021), onde a revista lista 20 forças que moldarão o mundo pós-Covid e pós-Trump. Eis o que vem por aí, segundo a publicação: *“A educação nunca mais vai voltar a ser igual. Torna-se cara a cara, mas tecnologicamente adaptável. Cada um é o que precisa. Estudar off-line e on-line será normal. Escolas e universidades são transformadas em um esquema híbrido para sempre.”*

A segunda vem da rede social LinkedIn, que divulgou um guia de 20 grandes tendências batizado de *Big Ideas 2021*. Os editores do *LinkedIn News* destacam o surgimento de um novo conceito de viver no espaço urbano: o das cidades de 15 minutos, criado pelo professor australiano Frederik Anseel. *“Já pensou em morar a 15 minutos, a pé ou de bicicleta, de tudo que você precisa?”*, indaga o LinkedIn. *“Com a pandemia, foi possível vislumbrar que diversas categorias podem trabalhar de suas casas, promovendo uma remodelação da mobilidade urbana. O*

mundo vai ver cada vez mais ciclovias temporárias, com comunidades se formando em torno de pequenos centros. Grandes cidades como Paris, Londres e Sydney poderão se tornar vastas áreas urbanas constituídas de algumas comunidades menores, cada qual com o seu próprio centro.”

Não é preciso ser um futurólogo para constatar que essas são mais do que duas tendências. São realidades. Com o que aprendemos na pandemia, a educação definitivamente derrubou a barreira da presencialidade e morar em uma cidade de 15 minutos se tornou tão desejável quanto essencial. E tudo isso reforça a contemporaneidade de um ambiente que hoje abriga mais de 7 milhões de estudantes universitários no país e só cresce: o ensino a distância (EAD). Para demonstrar isso, hoje há mais alunos on-line no ensino superior brasileiro do que no regime presencial.

No universo do EAD, existe um ator indispensável e cada vez mais posicionado a menos de 15 minutos de distância do aluno: o Polo de Apoio Presencial, local onde acontecem etapas obrigatórias como provas, tutoria dos conteúdos e atividades nos laboratórios. É o lugar da aproximação humanizadora, onde o aluno é recebido e se sente de fato parte integrante de uma formação. A dimensão social tão enriquecedora para o desenvolvimento do aluno se exerce no polo.

Enquanto se desenha a educação do futuro, basta olhar e ver que a tecnologia, a mobilidade e a humanização – três ingredientes indispensáveis para um ensino de qualidade – já estão presentes no modelo oferecido por muitas instituições no regime EAD. Nesta realidade, os Polos de Apoio Presencial se tornam o local onde o aluno viverá uma experiência acadêmica, pedagógica e também de interação social e construção de networking, tão necessária no mundo moderno. Se o futuro é logo ali, então os polos já estão no futuro.

*Bernardo Knabben é presidente da Associação Brasileira de Polos de Ensino a Distância (ABPolos)

Toda teoRiA
tem um LaDO
PRático.
ESTÁGIO
o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

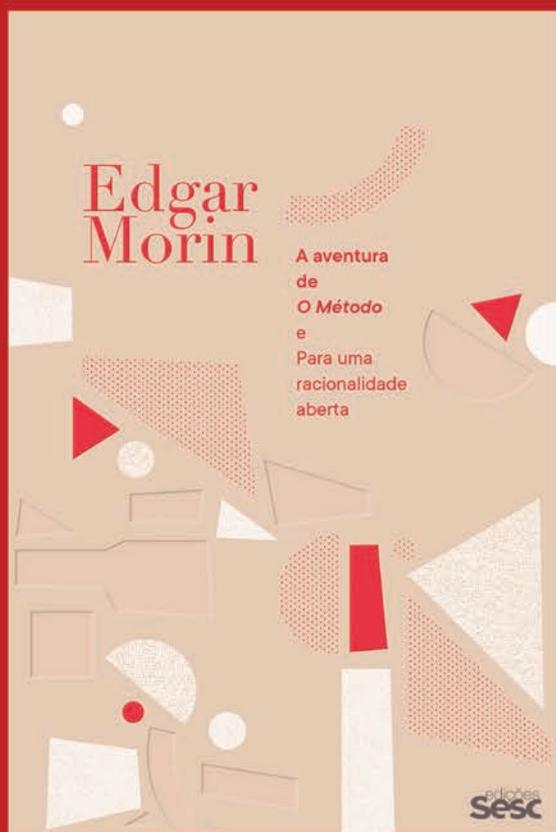
INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br



100 ANOS DE EDGAR MORIN



A AVENTURA DE O MÉTODO e para uma racionalidade aberta

O filósofo francês Edgar Morin percorre a própria trajetória e nesse caminho permite ao leitor compreender de que modo as questões essenciais de sua vida – “o que posso saber?”; “o que devo fazer?”; e “o que posso esperar?” – nortearam sua filosofia.

Integra este volume o texto fundamental “Por uma racionalidade aberta”, previsto no conjunto de proposições do autor, mas até então inédito.



COLEÇÃO DIÁRIOS DE EDGAR MORIN

Um homem comum, que se emociona e se indigna ante as situações com as quais se depara em seu cotidiano. Essa é a impressão causada pela leitura dos diários de Edgar Morin.

Diário da Califórnia, Um ano Sísifo e Chorar, amar, rir, compreender revelam um pensador humanista, questionador e curioso, sempre disposto a redescobrir formas de se ver e estar no mundo.